



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE FAZ A CRIANÇA SENTIR-SE PERTENCENTE AO ESPAÇO ESCOLAR?



Paola Gatelli

Lajeado, junho 2017

Para a capa deste Trabalho de Conclusão foi utilizada a imagem disponível em:
<<http://www.escolapontoaponto.com.br/site/wp-content/uploads/2015/10/estrutura11.jpg>>

Acesso em: 02/06/17.

Paola Gatelli

**EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE FAZ A CRIANÇA SENTIR-SE
PERTENCENTE AO ESPAÇO ESCOLAR?**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II – Monografia, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Univates, como avaliação do semestre.

Professora Orientadora: Dra. Danise Vivian

Lajeado, junho 2017

Para meu noivo, Maicon Teixeira, que desde o início esteve me apoiando e dividindo momentos comigo. Bem como, compartilhando seu tempo e amor.

Aos meus pais, Eurico Gatelli e Lisete Gatelli, que desde pequena me incentivaram a realizar os meus sonhos, seguir lutando e sempre poder contar com eles.

Para minha vó, Reni Quinot Krohn, que esteve comigo em todo o percurso me esperando acordada até chegar em segurança em casa, me vendo estudar muito e me acompanhar com um chimarrão.

AGRADECIMENTOS

Durante os anos de estudo, as diversas disciplinas, estágios e a chegada deste trabalho de conclusão de curso posso afirmar o quanto é gratificante poder ter essa vivência maravilhosa, que me inquietou durante muitos momentos e me fez querer saber mais. Claro que chegar a esta etapa da vida literalmente não tem preço. Só tenho a agradecer. E poder contar como tudo aconteceu e deixou marcas em mim.

Assim, quero agradecer...

À minha professora orientadora, Danise Vivian, que eu posso afirmar que a escolhi por me inspirar nela como excelente profissional. Que durante as disciplinas que tive o prazer de ser aluna dela, me motivou a querê-la como minha orientadora deste trabalho tão importante. Obrigada por abraçar este trabalho comigo, dizer que eu seria capaz de realizá-lo com tranquilidade e que juntas iríamos compartilhar tudo o que fosse preciso.

À minha professora avaliadora, Mariane Inês Ohlweiler, que aceitou ser a minha avaliadora e que a escolhi porque sei o quanto é interessada neste meu tema. Bem como, também tive a oportunidade de ser sua aluna em muitas disciplinas e estágios que me fizeram escolher ela pela profissional exemplar que é.

Ao Centro Universitário Univates pela oportunidade de realizar esse Curso de Graduação em Pedagogia. Assim, abrindo as portas para eu concluir e realizar este meu sonho de ser pedagoga.

À escola em que pude ter o privilégio de realizar esta pesquisa. Obrigada a equipe diretiva, professores, funcionários, alunos e familiares que me receberam com tamanha gentileza.

Ao meu noivo, Maicon Teixeira, que durante todos estes anos de estudo esteve presente, me ajudando, dando apoio, entendendo que precisei ficar sozinha. Assim como, tive que me ausentar por inúmeras vezes e deixar de ter o nosso lazer para que este trabalho fosse realizado com sucesso. Obrigada por tudo.

Aos meus pais, Eurico Gatelli e Lisete Gatelli, que mesmo por um período longe de todo esse semestre inicial de trabalho me apoiaram e agora neste segundo semestre dele, se fizeram presentes entendendo que precisei ficar sozinha para ler, escrever e como também, levei meu trabalho para realizá-lo até mesmo na chácara deles.

À minha vó, Reni Quinot Krohn, que durante todo tempo esteve presente, participando me oferecendo uma conversa boa e entendendo que para conseguir me formar tinha que ler muito, escrever e ir na escola de educação infantil do bairro.

Enfim, dedico a todos que de alguma maneira contribuíram para que eu conseguisse desenvolver esta pesquisa com êxito e estar segura em relação a ela.

Muito obrigada a cada um!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo **analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil**. O estudo possui três eixos temáticos: infância, disciplinamento e educação infantil. São autores importantes para o seu desenvolvimento: Postman (1999) e Ariès (1981) - no eixo da infância; Veiga-Neto (2001) e Ariès (1981) - no eixo do disciplinamento, e Brasil (2013) e Fernandes (2009), no eixo da educação infantil. A metodologia envolve entrevistas com crianças e professora; questionários aplicado às famílias e/ou responsáveis; observação em uma turma de 4 e 5 anos e registros em diário de campo. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa e é desenvolvida por meio de estudo de caso. Percebeu-se que a influência dos pais neste processo, o planejamento da professora e o processo de disciplinamento da infância estão diretamente vinculados ao sentir-se pertencente ao espaço escolar, na Educação Infantil. Os dados gerados resultaram na constituição de categorias analíticas, como afetividade na Educação Infantil; sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar; e rotina X disciplina na Educação Infantil. Foram utilizadas falas das entrevistas com as crianças e professora, bem como registro das respostas da família ou responsável e anotações do diário de campo para constituição destas bases de análise. Os dados permitem analisar e compreender o sentir-se pertencente no espaço escolar da educação infantil e como esse processo interfere na dinâmica de todos os envolvidos – crianças, professores e família e/ou responsáveis. Por fim, sentir-se pertencente a este espaço escolar não é, necessariamente, uma escolha da criança, mas uma necessidade e obrigação conferida pelos pais e pela sociedade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pertencimento. Criança.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 – Acredita que os professores auxiliam nesse processo de adaptação da criança? .. | 36 |
| Gráfico 2 – Você acredita que a escola faz um trabalho de acolhida às crianças?..... | 39 |
| Gráfico 3 – Acredita que a criança gosta de ficar na escola? | 41 |
| Gráfico 4 – Você consegue deixar a criança na escola tranquilamente? | 43 |
| Gráfico 5 – Consegue se despedir tranquilamente?..... | 44 |
| Gráfico 6 – Ele/ela costuma chorar neste momento? | 45 |
| Gráfico 7 – Você concorda com a obrigatoriedade da criança frequentar a Escola de Educação Infantil desde os 4 anos de idade? | 47 |
| Gráfico 8 – Você diz para a criança o porquê ela está ficando na escola? | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 TRILHANDO A TEORIA | 15 |
| 2.1 Desvendando a história da Infância | 15 |
| 2.2 Conhecendo a instituição escolar e o seu desenvolvimento | 18 |
| 2.3 Educação Infantil: O início da vida escolar | 23 |
| 3 CONSTRUINDO A METODOLOGIA..... | 28 |
| 4 SISTEMATIZANDO AS ANÁLISES | 35 |
| 4.1 Afetividade na Educação Infantil | 36 |
| 4.2 Sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar | 42 |
| 4.3 Rotina X Disciplina | 50 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
| REFERÊNCIAS | 60 |
| APÊNDICES | 63 |

1 INTRODUÇÃO

A criança, quando nasce, está inserida em um mundo totalmente novo e necessita sentir-se pertencente a esse novo espaço. Para que consiga alcançar esse fim, ela tem a família como referência, como seu primeiro contato com o mundo. Pode-se afirmar que o primeiro contato que a criança tem com a rede escolar é na Escola de Educação Infantil.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/96, em seu **Art. 29**, “A Educação Infantil, [é a] primeira etapa da educação básica, [e] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Conforme consta na LDB, a escola de Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, portanto é o início de todo o processo da criança na rede escolar.

A presente pesquisa tem como objetivo **analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil**, evidenciando as situações que influenciam para a criança permanecer no espaço escolar e como elas acontecem. Sua temática é “Sentir-se pertencente ao espaço escolar” e o problema de pesquisa é o seguinte: **“O que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil?”**.

Para conseguir responder à problemática central desta investigação, alguns objetivos específicos foram delineados:

- Compreender o que leva a criança a sentir-se pertencente ao espaço da sala de aula.

- Entender como o processo de escolarização da Educação Infantil interfere no cotidiano da criança e do professor.
- Identificar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil.

A pesquisa procura compreender como a criança, professores e família estão envolvidos no pertencimento da criança no espaço escolar; como a criança costuma agir a partir da sua chegada à escola e como esse processo acontece. Além disso, procura investigar como o professor auxilia nessa transição da criança que, supostamente, está segura ao lado da sua família para entrar em sala de aula, um mundo estranho até explorá-lo. Como Postman (1999) relata, a criança está em um mundo diferente do mundo do adulto, que precisa auxiliá-la no mundo, estimulá-la para ela conseguir sentir-se pertencente ao espaço escolar. O professor e a família são os adultos que irão estimulá-la a sentir-se pertencente neste espaço.

O fato de a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil pode acontecer por diversos fatores e influências, sejam da própria escola – o professor –, da família ou, até mesmo, da própria criança. Esses três elementos estão diretamente ligados uns aos outros, o que reflete na ação de todos os fatores. Com relação ao professor, percebe-se que ele é um dos intermediários para que essa transição da criança aconteça, na nova sala, por exemplo, para que seja tranquila e prazerosa para todos e, conseqüentemente, também deve contar com o auxílio da família para essa nova adaptação. Essa transição pode acontecer no início de cada ano, quando a criança troca de turma e de professor. Mas também pode acontecer no decorrer do ano letivo, conforme a necessidade da escola, e com a possível troca de escola, de acordo com a vontade e necessidade de cada família. Para que a criança consiga sentir-se pertencente ao espaço escolar, o professor tentará estimulá-la nesse processo. Dessa forma, pode-se entender que uma das maneiras para cativar a criança talvez seja o jeito de mudar o espaço da sala de aula para recebê-la, por exemplo, disponibilizar brinquedos diferentes, que agradem a criança.

A família é a base da criança, seu ponto forte de referência, sendo o segundo elemento a garantir sua adaptação. Para que a criança consiga sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil, convém destacar que a família, estando segura e calma, facilita essa adaptação da criança. Se a família demonstra insegurança, a criança poderá chorar e não querer ficar na escola, o que poderá dificultar o sentir-se pertencente ao espaço escolar.

Já a criança é o ponto central de todo o processo, sendo a partir dela que os adultos irão interferir com o intuito de a fazer sentir-se pertencente ao espaço escolar e, neste estudo, ela é tomada como o terceiro elemento. A criança pode demonstrar muitos sentimentos em

relação ao seu período de acolhida. Nesse processo, também influencia a maneira como chega à escola, com a família conversando com a criança ou apenas deixando-a na sala, sem nenhuma explicação prévia, bem como o que a família sente em relação a deixá-la na escola e como o professor a recebe.

Portanto, a pesquisa tem este enfoque do sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil. Consequentemente, procura investigar a maneira como o educador auxilia as crianças a ficarem na escola com maior tranquilidade; como a família conversa com essa criança; e como a criança se sente na sala de aula, na sua chegada e permanência neste espaço durante o dia.

O tema escolhido para esta investigação abre possibilidades de refletir sobre como as crianças estão sujeitas a fazer apenas o que os adultos querem, seja a família ou os professores. Até porque o adulto vai trabalhar e, consequentemente, a criança ficará em algum espaço, que provavelmente será a escola. Como essa criança pode sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil a partir de tantos motivos que a obrigam a estar ali? Como esse educador está interferindo nesse momento para que a criança não sinta que está sendo obrigada a ficar na escola?

A pesquisa foi pensada a partir das minhas inquietações, constituídas durante os anos de estudo no Curso Normal, agora no curso de Pedagogia e também no tempo de atuação profissional que tenho na área da Educação. Nestes diferentes espaços e posições, vivenciei muitas situações, como experiências, relatos e leituras, tanto nos estudos quanto na profissão. Na sequência, passo a explicar por que resolvi construir uma pesquisa com esta temática.

Em relação às experiências abordadas – estou na área da Educação Infantil desde 2010, sendo sete anos de vivências e trocas com as crianças – pude perceber que cada família e cada criança possui uma maneira de se despedir de um jeito diferente. A acolhida na escola pode ser tranquila e muitas vezes bem agitada, em decorrência de diversos fatores: tempo para deixar a criança na escola, o que lhe está sendo oferecido e como ela está se sentindo.

Ao conversar com colegas de trabalho e colegas da graduação, pude perceber, através de relatos, que na teoria e na prática também aconteciam muitas situações envolvendo a acolhida das crianças relacionando todas as partes: criança, pais e professor. No tempo de estudos no Curso Normal, não havia refletido sobre o tema da acolhida, mas era mais envolvida com as situações que seriam propostas em cada momento da rotina.

A partir de leituras, que serviram de suporte para muitas situações vividas em sala de aula, tanto na graduação quanto na Educação Infantil, pude me questionar, até porque, além das leituras nas aulas das disciplinas, realizei leituras em reuniões das escolas municipais e

particulares do município de Lajeado/RS, nas quais trabalhei nesses sete anos na Educação Infantil. As leituras sobre os temas referentes à Educação Infantil sempre me fizeram repensar algumas situações e principalmente a maneira como a acolhida é proposta nas escolas. Como no magistério e na graduação passei por várias escolas em função de disciplinas e estágios, sempre me chamou a atenção o que estava disposto para as crianças nesse primeiro momento da manhã ou da tarde. Isso porque as escolas possuem dois turnos, e algumas crianças podem vir de manhã, e outras só no turno da tarde ou vice-versa.

Acredito que as escolas em que trabalhei até agora foram de grande importância para instigar minha curiosidade em aprofundar o estudo sobre o pertencimento da criança ao espaço escolar na Educação Infantil, em como a criança, os pais e o educador podem se ajudar para que isso aconteça de maneira tranquila.

Como acadêmica do Curso de Pedagogia e monitora de uma turma de Educação Infantil de uma escola particular, composta por crianças de 2 anos e 3 meses até 2 anos e 5 meses, tenho vivências diárias de situações referentes ao tema desta pesquisa. Interessa-me investigar como a despedida e o sentimento de pertencimento mudam de acordo com o dia, como a criança chega, se os pais estão atrasados, dependendo do que foi proposto para esperar a criança...

Ao pesquisar no banco de teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) sobre a temática do pertencimento na escola, foi possível notar como a questão temática da adaptação também está ligada ao pertencimento. Pude constatar que existem 2746 trabalhos sobre esse tema e, dentre eles, escolhi um (1) que me chamou mais a atenção para refletir sobre o meu trabalho. Como relata Ferrão (2016, p. 51), “Segundo Barbosa (2006), inúmeros são os estudos que chamam a atenção para a relevância de um ambiente organizado para a adaptação e o reconhecimento do indivíduo no espaço em que vai se inserir”, sendo interessante e curioso pesquisar e estudar sobre a adaptação juntamente com o pertencimento.

A pesquisa é uma forma de suprir a minha curiosidade acerca do tema, o qual é de suma importância para a elaboração deste trabalho. Além disso, é importante estar em contato direto com crianças, família e/ou responsáveis e professores da Educação Infantil a fim de aguçar mais a minha inquietação sobre o pertencimento ao espaço escolar na Educação Infantil. Por isso, este estudo está configurado conforme a descrição dos parágrafos a seguir.

No segundo capítulo, disserto sobre as referências teóricas do estudo. Esta pesquisa, que aborda o sentir-se pertencente da criança ao espaço escolar na Educação Infantil, traça alguns campos conceituais para a promoção desta investigação, quais sejam, os três conceitos

centrais deste estudo, a infância, em uma perspectiva histórica, a instituição escolar e seu processo de disciplinamento e a primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil. As referências utilizadas partem de autores como Fernando Ferrão (2016), Neil Postman (1999), Philippe Ariès (1981), Susana Beatriz Fernandes (2009) e alguns documentos que regem a educação brasileira, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 2016) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (2016).

A metodologia deste estudo teve um viés qualitativo inspirando-se no estudo de caso. Ressalto a importância de elaborar um trabalho com as crianças, a importância da observação nesse caso. Da mesma forma, foi essencial a descrição das observações em um diário de campo a fim de auxiliar a nossa memória a partir de registros. Além da importância da observação e da participação das crianças em entrevistas, acreditei ser relevante a entrevista com a professora da turma e os questionários com a família e/ou responsáveis. Saliento que a coleta de dados me auxiliou a pensar sobre o meu tema e problemática deste trabalho. As referências utilizadas englobam autores como Beatris Francisca Chemin (2012), Augusto N. S. Triviños (1987), Antonio Carlos Gil (2010), Susana Beatriz Fernandes (2009), Judy R Jablon (2009) e Alzira Maria Baptista Lewgoy e Tatiana Reidel (2009).

O quarto capítulo apresenta as análises realizadas durante o trabalho. Percebi que seria necessário dividir as análises em subcapítulos, formulados a partir das análises desenvolvidas. Consequentemente, disserto sobre a afetividade, sobre o sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar e a rotina X disciplina na Educação Infantil. É possível perceber que às vezes as respostas, sejam das crianças, da professora ou da família e/ou responsáveis, parecem estar ligadas em mais eixos do que apenas um, mas isso é interessante relacionar com o que foi observado e anotado em meu diário de campo. As referências utilizadas incluem autores como Décio Rocha e Bruno Deusdará (2005), Rita Catalina Aquino Caregnato e Regina Mutti (2006), Suze Sabino da Silva e Denise de Souza Fleith (2005), Maria Luisa Xavier (2006), Julio Groppa Aquino (2003), Rochele da Silva Santaiana (2009) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013). Além desses autores, utilizo excertos das falas das crianças, da professora, registros do meu diário de campo e respostas dos questionários realizados com a família e/ou responsáveis.

Nas considerações finais, disserto sobre tudo o que observei na turma: entrevistei os alunos, a professora, realizei o questionário com a família e/ou responsáveis, referenciei a partir das minhas leituras, pesquisas, reflexões, bem como sobre o que senti; assim, pude responder às minhas inquietações enquanto pesquisadora do meu trabalho de conclusão de curso. Vale ressaltar que o tripé encontrado foi afetividade, obrigação e rotina e

disciplinamento como constituintes do sentir-se pertencente ao espaço escolar. Tentarei literalmente escrever as considerações finais, porém me questiono se meu trabalho terá um fim ou se será apenas o início de um trabalho que não terminará.

2 TRILHANDO A TEORIA

Este é um capítulo teórico envolvendo alguns conceitos importantes que fundamentam a pesquisa. No primeiro momento, apresentarei a História da Infância, intitulado “Desvendando a história da infância”, que abordará um pouco da sua história a partir de leituras de Postman (1999) e Ariès (1981). Na sequência, a abordagem centra-se na perspectiva de conhecer a instituição escolar e o disciplinamento. Após, no terceiro momento, disserto sobre a “Educação Infantil: O início da vida escolar”.

2.1 Desvendando a história da infância

A infância sempre foi conhecida como infância? Ou será que ela era diferente da que conhecemos atualmente? A infância antigamente não era bem definida como a conhecemos hoje em dia e muito menos era estudada e cuidada. Durante muitos séculos, a infância esteve totalmente desconhecida e desvalorizada em algumas regiões do mundo, porém, com o passar dos anos, surgem alguns conceitos, relatos e interferências, de acordo com cada época vivenciada. Dessa forma, percebe-se que

Das atitudes para com as crianças na antigüidade sabemos muito pouco. Os gregos, por exemplo, prestavam pouca atenção na infância como categoria etária especial, e o velho adágio de que os gregos tinham uma palavra para tudo não se aplica ao conceito de criança. As palavras usadas por eles para *criança* e *jovem* são, no mínimo, ambíguas e parecem abarcar quase qualquer um que esteja entre a infância e a velhice (POSTMAN, 1999, p. 19-20).

Evidencia-se que a infância não tinha importância para os que viviam aquela época, por volta do século XVI, que esses seres humanos eram ditos iguais aos demais e, por isso, não tinham nenhum cuidado extra e muito menos algum sentimento por eles. Mas será que esses traços de não cuidar e não sentir algum sentimento pela criança mudaram? Será que todos cuidam dela e a amam hoje em dia?

Constata-se, também, que não se definiam as fases da vida como hoje as definimos: infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice (POSTMAN, 1999). A idade moderna e os adultos, por si só, excluíram as crianças, expulsando-as do seu mundo adulto, sendo necessário, portanto, encontrar um mundo para elas. Então desenvolve-se o sentimento pela infância. A infância que conhecemos como um mundo de exploração se deu nos mais variados campos da ciência, no sentido de esmiuçar e descrever o sujeito infantil, assim tentando compreender e ajudar as crianças e os adultos que se aproximam dele.

Assim, a idade adulta definiu que apenas esses seres humanos, ou seja, as crianças, poderiam ser encaixados nessa fase, o que resultou na infância. Antes, eram ditos iguais aos adultos e podiam estar no mundo deles normalmente e sem restrições, muito menos segredos. Com o passar dos anos, as situações foram mudando e compreendeu-se que as crianças não eram iguais aos adultos e necessitavam de um olhar diferenciado, cuidadoso e com amor. O que também delimitou a infância da fase adulta foi que

Num mundo oral não há um conceito muito preciso de adulto e, portanto, menos ainda de criança. Esta é a razão pela qual, em todas as fontes, descobre-se que na Idade Média a infância terminava aos sete anos. Por que sete? *Porque é nesta idade que as crianças dominam a palavra* (POSTMAN, 1999, p. 28).

O mundo oral é composto pelo período em que a criança se expressa pela fala, mas também é o ingresso da criança no mundo da alfabetização, da escrita. Naquele tempo, o que definia quando terminava a infância era o simples fato de que aos sete anos as crianças começavam a dominar o uso da palavra, e não apenas o mundo oral como era anteriormente, de acordo com Postman (1999), e a partir daí as crianças deixavam de pertencer à infância. Isso não quer dizer que o mundo oral deixaria de existir, mas que ambos iriam ser usufruídos. Eram estipulados estágios dentro da infância, os quais mais tarde seriam explorados.

Postman (1999) ressalta que a infância é um nível simbólico, que o primeiro estágio da infância termina quando a criança tem o domínio da fala e o segundo começa quando a criança aprende a ler. Ambos os fatos, fala e leitura, são importantes na fase denominada infância, pois a criança vai adquirindo saberes novos e desafiadores. A infância, com esses dois estágios importantes para alcançar, pode ser comparada com o mundo atual, em que a criança também necessita aprender a falar e depois aprender a ler e escrever. Esses desafios não mudaram com o passar dos anos, apenas foram modificados e determinados com objetivos diferentes. Sabe-se que, se a criança não fala logo em determinada idade ou aprende em determinada idade a escrita e a leitura, ela precisa de um acompanhamento médico. E antigamente, como será que lidavam com essas situações? Será que eles não respeitavam o tempo da criança?

Houve um tempo em que se falava que a criança era um adulto em miniatura e que tudo era igual entre o universo adulto e infantil, até mesmo suas roupas, características, falas (ARIÈS, 1981). No entanto, percebeu-se que a criança não era um adulto e que precisaria de cuidados, afeto e carinho para então conseguir crescer e, depois de anos, se tornar um adulto. Assim, entendeu-se que há diferenças entre o adulto e a criança.

Em primeiro lugar, o vestuário infantil se diferenciou do dos adultos. No final do século dezesseis o costume exigia que a infância tivesse roupas especiais. A diferença no traje das crianças, bem como a diferença na percepção adulta das características físicas das crianças, está bem documentada nas pinturas do século dezesseis em diante, isto é, as crianças não são mais representadas como adultos em miniatura. A linguagem das crianças começou a se diferenciar da fala dos adultos. Como foi observado antes, o jargão ou a gíria infantil era desconhecida antes do século dezesete. Depois teve rápido e rico desenvolvimento (POSTMAN, 1999, p. 57).

O sentimento da infância é uma construção cultural e não existia antigamente, sendo, assim, inventado pelo homem. Mas será que o adulto se modificou para auxiliar essa criança? Ou apenas continuou fingindo que a criança era um adulto em miniatura?

Ariès (1981) relata também sobre o assunto quando descreve sobre o enclausuramento das crianças em instituições especiais: a escola. Mas o que será isso? Por que o uso desse termo? Nas palavras do autor,

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. Apesar das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida a distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização (ARIÈS, 1981, p. x).

A construção da categoria infância, bem como a afirmação do conceito é importante para a compreensão deste trabalho e o sentir-se pertencente ao ambiente escolar para a criança. Com o sentimento de infância, concebeu-se também um local para proteger esta infância, que é a escola. Dessa forma, a criança, já naquela época, precisou acostumar-se a ficar nesse espaço, que, como comenta Ariès (1981), ensinaria coisas importantes para ela conseguir viver em sociedade de uma maneira protegida, um fato que a escola de Educação Infantil assume até hoje.

Portanto, na visão de Ariès (1981), o enclausuramento é um tipo de quarentena, um momento de deter a liberdade inicial das crianças e fazer com que elas sejam reconstituídas da maneira como a escola e os adultos preferirem. Com esse tema um tanto desafiador, sigo para o próximo capítulo, que falará sobre a infância que está sendo “conduzida”, “controlada” pela escola, conhecendo essa instituição escola e esse disciplinamento utilizado com as crianças a favor dos adultos.

2.2 Conhecendo a instituição escolar e o seu disciplinamento

Ao realizar as leituras para este estudo, pude comprovar o quanto Ariès (1981) e Postman (1999) têm relatos sobre a instituição escolar, como eles possuem concepções parecidas e também diferentes em relação à escola, à criança e ao disciplinamento. Assim, conforme Postman (1999), as crianças e jovens precisavam aprender a ler e escrever para poder entrar no mundo dos adultos. E, para Ariès (1981, p. 109), “Assim que ingressava na escola, a criança entrava imediatamente no mundo dos adultos”. Porém os dois ressaltavam que a criança estaria entrando no mundo dos adultos com o ingresso no mundo escolar.

A escola antigamente não era conhecida como atualmente, portanto é possível perceber alguns aspectos diferenciados com o passar do tempo. Assim, “No século XIII, os colégios eram asilos para estudantes pobres, fundados por doadores” (ARIÈS, 1981, p. 110), e primeiramente a escola não era lugar de aprender no sentido das áreas de conhecimento como se organizou posteriormente (conteúdos escolares). Era, pois, um lugar de regras para disciplinar as crianças e jovens.

Como relata Ariès (1981), naquele tempo não se ensinava nos colégios por terem a finalidade de apenas regerar. A partir do século XV, as pequenas comunidades democráticas

tornaram-se institutos de ensino. Logo, a escola, não sendo mais uma fundação, tem administradores e professores, passando a ser um local que podia ensinar, mas também muito autoritário. Salienta-se que “O estabelecimento definitivo de uma regra de disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento da juventude” (ARIÈS, 1981, p. 110). Assim, pelo relato, nota-se que a escola medieval era apenas denominada uma simples sala de aula, enquanto a instituição complexa estava visando mais à vigilância da juventude, limitando as crianças e colocando regras.

A escola serviu de asilo para estudantes pobres em direção a uma instituição de ensino/colégio voltado para o disciplinamento das crianças e jovens. Com essa mudança, a escola passou a ser uma instituição importante na vida das pessoas:

O colégio tornou-se então uma instituição essencial da sociedade: o colégio com um corpo docente separado, com uma disciplina rigorosa, com classes numerosas, [...] O colégio constituía, se não na realidade mais incontrolável da existência, ao menos na opinião mais racional dos educadores, pais, religiosos e magistrados, um grupo de idade maciço, que reunia alunos de oito-nove anos até mais de 15, submetidos a uma lei diferente da que governava os adultos (ARIÈS, 1981, p. 111).

Ariès (1981) descreve o colégio como uma instituição essencial da sociedade que visa controlar a realidade dos alunos, promovendo leis específicas e diferentes das dos adultos. Mas, refletindo sobre essa definição de colégio, na contemporaneidade, questiona-se: as crianças e jovens querem ser regrados pelos adultos? Ou os adultos apenas estão limitando sua realidade de acordo com suas próprias vontades? Essas são questões importantes a serem pensadas na educação. Os professores realmente estão planejando suas aulas para ajudar os alunos ou apenas limitando sua realidade?

Postman (1999) relata que antigamente, em 1660, existiam tipos de escolas e preferiu dividi-las em três tipos. O primeiro eram “[...] as escolas elementares, que ensinavam a ler, escrever e contar; ” (1999, p. 54), apenas se limitavam a essa parte. Já o segundo inclui “[...] as escolas que ensinavam matemática, composição inglesa e retórica;” (POSTMAN, 1999, p. 54), portanto eram voltadas para essas áreas em específico; e, por terceiro, “[...] as escolas secundárias, que preparavam os jovens para as universidades e os cursos de Direito, ensinando-lhes gramática inglesa e lingüística clássica” (POSTMAN, 1999, p. 54). Cada aluno frequentaria a escola que lhe fosse mais conveniente, sendo elas bem divididas nesses três tipos de escolas, com focos diferentes.

Segundo Postman (1999), as mulheres também podiam frequentar a escola, a sua ida não era proibida; a educação era gratuita e oferecida para crianças de ambos os sexos.

Acreditava-se que as mulheres não podiam frequentar a escola, mas, pelo contrário, tanto mulheres de classe média e alta, como de classes mais pobres, podiam. O ensino escolar era uma preocupação dessas classes e há indícios de que algumas mulheres das classes pobres sabiam ler. Embora as mulheres pudessem frequentar a escola, as barreiras sociais e culturais “limitavam” o acesso à escola, ou seja, para muitos não havia necessidade de as mulheres frequentarem a escola.

Tanto homens quanto mulheres podiam frequentar a escola, porém ambos estavam sujeitos a limites e regras impostas por ela. Conforme Veiga-Neto (2001), o disciplinamento dos corpos infantis envolve o tempo e o espaço dentro da escola como sendo algo natural. Por exemplo, o disciplinamento dos corpos pode ser a organização das filas para ir para a sala de aula, posição das classes em sala, invenção das classes ordenadas por idade, como ressalta Veiga-Neto (2001).

Ariès (1981) relata que estas crianças e jovens eram enclausurados pela instituição educacional para depois serem soltas no mundo. O autor ainda afirma:

[...] como a escola e o colégio que, na Idade Média, eram reservados a um pequeno número de clérigos e misturavam as diferentes idades dentro de um espírito de liberdade de costumes, se tornaram no início dos tempos modernos um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las, graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos (ARIÈS, 1981, p. 107).

Constata-se, pois, que a escola era um meio de “adestrar” as crianças, fazendo com que elas fossem manipuladas pelos adultos, que determinavam o que seria o certo, e as crianças tinham que aceitar. Entretanto, ninguém perguntou para essas crianças se elas realmente queriam seguir a ideia dos adultos. Assim, percebe-se que o enclausuramento e a maneira como a escola era organizada tinham o mesmo objetivo: separar as crianças da sociedade dos adultos, e os adultos manipulá-las da maneira que achassem mais conveniente. É possível analisar alguns desses objetivos atualmente? Será que a escola mudou muito daquele tempo até hoje?

Compreende-se que, “Como a escola se destinava a formar adultos instruídos, os jovens passaram a ser vistos não como miniaturas de adultos, mas como algo completamente diferente: adultos ainda não formados” (POSTMAN, 1999, p. 55). Mas será que esses jovens são adultos ainda não formados? Ou apenas estão em constante aprendizagem, como na verdade todas as pessoas possivelmente estão em constante aprendizagem com o passar dos dias, semanas, meses e anos?

Foi possível perceber que, com o passar dos anos, as turmas não tinham mais crianças e jovens de todas as idades em uma mesma sala de aula. Porém essa divisão das turmas por séries ou classes não aconteceu por acaso. Conforme Postman (1999, p. 56), “As primeiras tentativas de estabelecer classes ou séries de alunos se basearam na capacidade de ler dos alunos, não em suas idades cronológicas. A diferenciação por idade veio mais tarde”. Portanto, observa-se que essa divisão se deu inicialmente pelo fato de alguns alunos saberem ler e outros não, separando-os assim em diferentes classes.

A divisão das crianças e jovens em salas a partir da idade ou por saberem ler são fatos relatados por Postman (1999). Ariès (1981) relembra que existiu essa indiferença em relação à idade através de métodos pedagógicos. Justamente por isso não é surpresa verificar que na escola medieval todas as idades eram misturadas em um auditório, sendo características comuns daquela época. O autor também lembra que “Essa evolução da instituição escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância. No início, o senso comum aceitava sem dificuldade a mistura das idades” (ARIÈS, 1981, p. 110). É possível analisar como acontecia antigamente e atualmente essa relevância com o sentimento das idades e da infância. Mas será que é mais interessante e produtivo deixar as crianças da mesma idade em uma sala? Ou a troca de experiências pode acontecer também com elas misturadas?

O movimento de interesse dos pais é algo mais recente em relação ao surgimento do sentimento da infância, que já data de alguns séculos anteriores. A relação dos pais com seus filhos possivelmente pode influenciar a convivência deles na escola. Assim, pode-se observar que “Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida” (ARIÈS, 1981, p. xi). Este é um novo sentimento, ou seja, os pais estavam conseguindo criar maiores vínculos e passaram a se interessar pelos estudos dos filhos, motivando-os mais a quererem estudar e se dedicar às atividades escolares.

Ariès (1981) segue refletindo sobre a maneira como estamos convivendo com as crianças e como elas reagem a partir disso. Assim,

As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas de tempos em tempos as comovem e as conquistam. Algumas carícias, alguns presentinhos, algumas palavras de confiança e cordialidade impressionam seu espírito, e poucas são as que resistem a esses meios doces e fáceis de transformá-las em pessoas honradas [...] (ARIÈS, 1981, p. 104).

Com isso, é possível analisar o jeito de educar, dar amor e conviver com as crianças. Pode-se avaliar que, conforme vivemos e nos relacionamos, mudaremos nosso tipo de convivência, podendo esta ser positiva ou negativa. Ariès (1981) fala em cultivar e regar esses conselhos, dar demonstrações de ternura e fazer com que tudo isso transforme as crianças em pessoas honradas e, possivelmente, de personalidade e caráter indiscutíveis. Será que presenteando as crianças e dando o que elas querem, elas se tornarão pessoas honradas? Ou vamos torná-las pessoas de bem dando amor, carinho e limites?

Além disso, foi possível perceber que antigamente o professor ensinava e o aluno devia aprender sem questionar. Com o passar do tempo, foram realizadas pesquisas e estudos sobre como isso poderia acontecer na educação. Ariès relata:

Esse processo correspondeu a uma necessidade ainda nova de adaptar o ensino do mestre ao nível do aluno. Foi este o ponto essencial. Essa preocupação em se colocar ao alcance dos alunos opunha-se tanto os métodos medievais de simultaneidade ou de repetição, como à pedagogia humanista, que não distinguia a criança do homem e confundia a instrução escolar - uma preocupação para a vida - com a cultura - uma aquisição da vida (ARIÈS, 1981, p. 112).

Sabe-se atualmente o quanto esta mudança de adaptar as aulas a partir do nível de ensino do aluno é essencial para a continuidade dos estudos em sala de aula. Como Ariès (1981) relata ao colocar essa preocupação na pedagogia, antigamente não se percebia como é importante preocupar-se com o nível de ensino do aluno e focar seu conhecimento prévio para melhorar o andamento das aulas.

A temática deste subcapítulo me ajuda a pensar sobre o pertencimento da criança no espaço escolar, sobre a Educação Infantil como a primeira etapa da criança na escola, como o processo de disciplinamento está acentuado e como as tentativas dos professores para agradarem a estas crianças é mais evidente para que elas queiram permanecer na escola, ou pelo menos, para que se habituem a ficar ali. Ao refletir sobre isso, é possível perceber como o processo de disciplinamento está diretamente ligado às práticas escolares na Educação Infantil, ou seja, para melhor organização do tempo na escola.

Na próxima seção, abordo o estudo da Educação Infantil como o início da vida escolar, percebendo como, onde e porque isso tudo acontece com as crianças. Analiso sua relação com as diversas pessoas envolvidas na escola de Educação Infantil, bem como a legislação que assegura seu direito à escola e relações coerentes à temática.

2.3 Educação Infantil: o início da vida escolar

Do ponto de vista legal, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade (Lei nº 9.394/96, art. 29) (BRASIL, 2013, p. 83).

De acordo com a citação supracitada, é possível perceber que, legalmente, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tornando-se também a primeira etapa da vida escolar da criança. Pode-se analisar que os adultos em seu contexto tentam fazer esse sujeito ficar na escola, querendo ou não. Assim, o tema deste trabalho – “Sentir-se pertencente a um novo espaço” – busca compreender os fatores e influências da criança, da escola e da família neste processo de pertencimento.

“[...] A Educação Infantil [...] é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade [...]” (BRASIL, 2013, p. 97). Portanto, cabe às creches que atendem de 0 a 3 anos, e à pré-escola, com atendimento de 4 e 5 anos, a promoção da primeira etapa da Educação Infantil. “O atendimento em creches e pré-escolas como um direito social das crianças se concretiza na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação [...]” (BRASIL, 2013, p. 81).

O primeiro contato da criança com o mundo é a partir da família, seu ponto de referência. Assim, também é “A família [que] constitui o primeiro contexto de educação e cuidado do bebê. Nela ele recebe os cuidados materiais, afetivos e cognitivos necessários a seu bem-estar, e constrói suas primeiras formas de significar o mundo” (BRASIL, 2013, p. 92). No entanto, é possível perceber que “Quando a criança passa a frequentar a Educação Infantil, é preciso refletir sobre a especificidade de cada contexto no desenvolvimento da criança e a forma de integrar as ações e projetos educacionais das famílias e das instituições” (BRASIL, 2013, p. 92). Assim, a escola de Educação Infantil acolherá essa criança observando o seu desenvolvimento integral, podendo ampliar as ações e projetos educacionais voltados para elas e suas famílias.

Observa-se que a cultura e alguns conhecimentos básicos também podem ser inseridos no contexto educacional na Educação Infantil. Portanto, “Essa dimensão de instituição voltada à introdução das crianças na cultura e à apropriação por elas de conhecimentos básicos requer

tanto seu acolhimento quanto sua adequada interpretação em relação às crianças pequenas” (BRASIL, 2013, p. 84). A partir disso, evidencia-se a necessidade de planejar e interpretar situações de aprendizagem para essas crianças.

De acordo com a legislação brasileira (2013), a proposta pedagógica ou projeto pedagógico é um plano orientador do planejamento e das ações da escola, como também regulariza algumas metas para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, pode-se ressaltar que a Educação Infantil “[...] organiza seu currículo, [...] como as práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças” (BRASIL, 2013, p. 85). Além disso, “O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico” (BRASIL, 2013, p. 86). Dessa forma, o currículo da Educação Infantil pode ser parte essencial para o desenvolvimento integral das crianças, auxiliar no planejamento das ações dos professores e acolher as crianças para que possam desenvolver-se integralmente com o meio e o mundo.

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura (BRASIL, 2013, p. 86).

Sendo a criança o centro do planejamento e sujeito de direitos, conforme consta nas diretrizes curriculares para a Educação Infantil (2013), pode-se afirmar que essas interações, relações e práticas envolvendo as diferentes idades só tem a acrescentar no seu desenvolvimento integral. Além disso, é a partir dessas amizades e das brincadeiras imaginadas e criadas que a criança inventa, interage, brinca, explora e principalmente vive. Será que é a partir disso tudo que a criança experiencia a Educação Infantil? Como será que ela reage a partir disso?

É preciso refletir sobre a maneira como as crianças aprendem na Educação Infantil e relacioná-la com as interações diversas. “Assim, a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, [...]” (BRASIL, 2013, p. 86), diferenciando o jeito como vai construir esse conhecimento e como vai participar.

“Isso porque, na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar” (BRASIL, 2013, p. 86). Com isso, é possível refletir sobre a Educação Infantil e a maneira como ela interfere no cotidiano das crianças, fazendo-as agir, sentir e pensar de diferentes formas.

A Educação Infantil possui “[...] princípios fundamentais nas Diretrizes [...] a) Princípios éticos: valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades [...]” (BRASIL, 2013, p. 87-88). Percebe-se o quanto é importante ressaltar que os princípios éticos movem a escola para o lado positivo, tanto para o corpo docente quanto para as crianças. “b) Princípios políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática [...]” (BRASIL, 2013, p. 87-88). Esses princípios são necessários para compreender os direitos e deveres de cada um, seja escola, professor ou aluno. “c) Princípios estéticos: valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2013, p. 87-88), princípio esse que estabelece ligação direta com os objetivos da Educação Infantil, envolvendo o cuidar, brincar, criar e educar. Desse modo, é possível observar como a escola deve estar voltada para três princípios fundamentais para o seu desenvolvimento.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas com outras crianças e com o professor (BRASIL, 2013, p. 91).

Além do mais, “O importante é acolher as diferentes formas de organização familiar e respeitar as opiniões e aspirações dos pais sobre seus filhos” (BRASIL, 2013, p. 92). Assim, escola e família possivelmente podem auxiliar as crianças em seu desenvolvimento integral favorecendo os três – escola, família e criança – para um bom convívio.

A Educação Infantil é a primeira etapa da vida escolar da criança e é inicialmente a partir dela que as crianças vão ter experiências variadas em diversas linguagens, “[...] reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Nesse processo, é preciso valorizar o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis” (BRASIL, 2013, p. 93). Envolvendo as

brincadeiras e o lúdico, as crianças irão possivelmente conseguir apropriar-se do dito conhecimento de mundo e da cultura à sua volta.

A leitura da tese de Susana Beatriz Fernandes (2009) propiciou uma reflexão sobre como a escola em geral é vista pelas crianças, e não só relatada através do que nós, adultos, compreendemos dela, mas a partir do olhar das crianças, da possibilidade de deixá-las falar sobre o assunto. Na Educação Infantil é relatado que as crianças necessitam ir para escola? É possível dizer que a criança é obrigada a ir para a escola? A família pergunta para a criança se ela quer ir para a escola?

O olhar do adulto sobre a criança em formação tem grande relevância para este estudo. Ele retira a possibilidade de escolha para a criança por, supostamente, estar lhe fazendo um bem por pensar na sua formação futura. Assim, “O poder dos pais e educadores sobre as crianças e jovens, fortalecido por bases científicas, passou a ser exercido com o intuito de criar bons hábitos alimentares, de reprimir e domar os instintos, de adestrar o corpo, [...]” (BARBOSA, 2007, p. 59). O que antigamente era dito como um cuidado ou descuido, atualmente é uma maneira de “domar” as crianças manipulando seu corpo, por ora dentro da própria escola.

A sociedade ocidental moderna, de modo geral, trata como natural o momento de ingresso da criança na escola. O conselho expresso na epígrafe: “*Não tenha medo. A escola é uma das coisas que você terá que enfrentar na vida*” revela a percepção do menino da inevitabilidade do processo de escolarização. A institucionalização da criança se tornou na modernidade algo ‘natural’ e obrigatório, portanto, toda criança terá que enfrentá-lo um dia (FERNANDES, 2009, p. 47).

Assim, pode-se perceber que se tornou naturalizado a criança frequentar a escola, até porque seus pais e familiares necessitam trabalhar. Repito: será que a criança compreende o porquê de ir para a escola? Será que lhe é explicado por que ir para a escola? Sentir-se pertencente a este espaço escolar não é, necessariamente, uma escolha da criança, mas uma necessidade e obrigação conferida pelos pais e pela sociedade.

Também se constata que existem regras e combinados na escola de Educação Infantil para que haja um bom funcionamento no dia a dia em sala de aula, o que facilita o convívio entre os professores e as crianças. As regras e os combinados podem estar dentro de um contexto maior, chamado de rotina. Conforme Barbosa (2007, p. 35), “Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil”. Com a rotina, as crianças são disciplinadas a estarem no tempo e no espaço escolar. Porém, além de saberem que necessitam se comportar, fogem um pouco desse ponto de vista, quando

Elas escapam porque apesar de saberem as regras e de aconselharem outras crianças a se comportarem, obedecerem e serem educadas, atravessado nos enunciados está também o *desejo* de brincar, fazer amigos, correr, percorrer trajetos diferenciados, que não permite que eles sejam capturados por completo (FERNANDES, 2009, p. 100).

Muitas vezes, o desejo de brincar pode estar ligado com um mundo de descobertas, mas estas podem ser vistas pelos adultos como um momento em que a criança desobedece e não se comporta. Será que a brincadeira aos olhos do adulto é desobedecer? Será que, para a criança, brincar, descobrir, criar, correr e se desafiar é sinônimo de não obedecer ao adulto?

Assim, continuo a reflexão sobre estas questões inquietantes e desafiadoras sobre o tema deste trabalho. Na sequência, apresento a metodologia usada para o desenvolvimento da minha pesquisa.

3 CONSTRUINDO A METODOLOGIA

O problema de pesquisa deste trabalho busca analisar “O que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil? ”. Uma das maneiras para investigar essa questão foi a opção pela pesquisa bibliográfica, que tem me auxiliado a dissertar sobre as categorias do meu estudo: infância, escola de educação infantil e disciplinamento.

Segundo Chemin, a pesquisa bibliográfica

[...] perpassa todos os momentos do trabalho acadêmico e é utilizada em todas as pesquisas. Ela é desenvolvida especialmente com base em compilação dos seguintes materiais: - livros: [...] – publicações periódicas: revistas e jornais. [...] – materiais encontrados em meios eletrônicos/digitais [...] (2012, p. 60).

A pesquisa bibliográfica perpassou todo o curso deste estudo, pois, com o processo de geração de dados, novas possibilidades de leituras podiam surgir. E compreendo que o aprofundamento das leituras foi necessário para o prosseguimento desta pesquisa.

Com relação à abordagem deste estudo, é possível descrevê-la como qualitativa, ou seja, o foco é a reflexão teórica e conceitual sobre os achados da pesquisa, mas esta também valeu-se de dados estatísticos para corroborar com estes achados. Como afirma Chemin (2015),

[...] é importante destacar que uma pesquisa pode utilizar procedimentos quantitativos e qualitativos (pesquisa quali-quantitativa ou quanti-qualitativa). Assim, em algumas pesquisas, um delineamento integrado que puder combinar dados qualitativos e quantitativos numa mesma investigação pode ser positivo, uma vez que as duas abordagens possuem aspectos fortes e fracos que se complementam (CHEMIN, 2015, p. 57).

“Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131). Durante as aulas de metodologia da pesquisa, aprende-se que a pesquisa qualitativa vem com o intuito de qualificar o trabalho, a partir de uma curiosidade acerca de um problema, partindo para uma coleta de referências e geração de dados e concluindo com análises dessas informações.

Mesmo sendo esta uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, o seu objetivo maior não era de quantificar dados, mas sim qualificá-los de forma a compreender as ações dos sujeitos investigados, “[...] parte da sua vida diária, sua satisfação, desapontamentos, surpresas, emoções, sentimentos, desejos [...]” (CHEMIN, 2012, p. 56). A partir dessa pesquisa consegui, não somente levantar dados estatísticos sobre o tema estudado, mas, também, refletir, teoricamente sobre os dados gerados nesta pesquisa.

Entre os diferentes tipos de pesquisa, optei por adotar o estudo de caso. De acordo com Chemin, “Estudo de caso: procura estudar profunda e exaustivamente um ou poucos objetos, de modo que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (2012, p. 62).

Procurei estudar a realidade de uma escola, em particular, e esses dados gerados não serão generalizados para as demais instituições de Educação Infantil, na medida em que se referem a uma realidade em particular, a realidade que foi estudada. O estudo de caso é assim delimitado:

- a) Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) Preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) Descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) Formular hipóteses ou desenvolver teorias;
- e) Explicar as variáveis causas de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2010, p. 38).

Posso ressaltar que um dos pontos mais instigantes no meu trabalho foi o envolvimento das crianças, porque “Ter crianças como sujeitos de pesquisa é um enorme desafio. Uma coisa é pesquisar o que se diz sobre elas, outra é querer saber o que elas dizem de si mesmas, de nós e da instituição que inventamos para educá-las” (FERNANDES, 2009,

p. 15). Como observei as crianças e as entrevistei, identifiquei-me com Fernandes (2009) ao relatar a importância da fala e dos registros das crianças descrevendo sobre a escola, até mesmo porque praticamente sempre quem fala da escola e das crianças não são elas, mas os próprios adultos.

Como o meu tema de pesquisa era amplo em questões de investigação, foquei-me em três fatores para a investigação de sua problemática, já citados na introdução: a criança, os professores e a família e/ou responsáveis. Foi conveniente escutar e analisar todas as partes envolvidas no sentir-se pertencente da criança ao espaço escolar na Educação Infantil motivo pelo qual criei possibilidades para saciar a minha curiosidade e passo a abordar como desenvolvi este processo na sequência deste texto.

A observação foi explorada neste estudo para aprimorar o meu trabalho. De acordo com Jablon (2009, p. 106), “a observação é parte integral do ensino cotidiano. Você pode observar em qualquer lugar e a qualquer momento: enquanto faz parte da ação, enquanto está de fora ou depois dela”. Logo, observar requer muita atenção e um olhar constante.

Para conseguir observar, pode-se dizer que foi conveniente deixar a criança experimentar, brincar e criar. Jablon (2009, p. 52) também ressalta que “[...] é importante manter a mente aberta, sabendo que, quando observamos para aprender sobre as crianças, ninguém sabe tudo, e todos temos mais para aprender”. Assim, compreende-se que estamos em constante aprendizagem, tanto com os professores quanto com as crianças.

Depois da observação e durante ela, foi fundamental realizar registros em um diário de campo, pois

Você coleta dados e reflete sobre o que descobriu. Interpreta o que a criança fez e disse e responde com base nessa interpretação. Às vezes, você descobre que sua interpretação faz sentido e, às vezes, não. Com frequência, você vê que precisa de mais informações, então faz novas perguntas. A observação é um ciclo contínuo (JABLON, 2009, p. 105).

Utilizei um diário de campo para auxiliar na minha pesquisa. Como acadêmica e investigadora, entendo que

O diário de campo também é um instrumento de registro de pesquisa. Segundo Triviños (1987), as anotações realizadas no diário de campo, sejam elas referentes à pesquisa ou a processos de intervenção, podem ser entendidas como todo o processo de coleta e análise de informações, isto é, compreenderiam descrições de fenômenos sociais, explicações levantadas sobre os mesmos e a compreensão da totalidade da situação em estudo ou em um atendimento[...] (LEWGOY e REIDEL, 2009, p. 1).

O objetivo do diário de campo era ajudar na minha pesquisa durante as observações e entrevistas. Ele foi um meio de registrar o investigado durante a observação do período de chegada das crianças na escola e da prática promovida pelos professores e/ou familiares/responsáveis. No diário de campo registrei anotações das conversas informais realizadas tanto com os alunos, com seus pais e/ou responsáveis, como com os professores.

Com a observação constante, com o registro do observado, das reflexões e das conversas informais com os atores desta pesquisa (alunos, pais/responsáveis e professores) em um diário de campo, ainda percebi a necessidade de realizar entrevistas e questionários para auxiliar no processo de geração de dados deste trabalho. Assim, além de observar crianças durante a sua chegada à escola, realizei entrevistas com algumas crianças e professores. Conforme Chemin (2012, p. 65, grifos da autora), a entrevista é uma

[...] técnica de obtenção de informações instantâneas **realizada face a face ou por telefone**, em que o investigador formula perguntas para conseguir dados para seu problema. As entrevistas são conversações que servem de instrumento de coleta de dados principalmente do campo social [...]. Nas entrevistas, o entrevistador redige as respostas literalmente, ou usa gravador para a transcrição posterior.

Como relata Jablon (2009, p. 18), a entrevista “[...] é essencial para construir relacionamentos de confiança com as crianças e suas famílias, o que proporciona a base para um programa bem-sucedido de educação infantil”, e também a compreendo desta forma para a realização construtiva do meu projeto de pesquisa.

Foram realizadas com crianças e com a sua professora referência entrevistas semiestruturadas (ver roteiros de entrevistas no apêndice A e B, bem como seus termos de consentimento livre e esclarecido nos apêndices G e F) e observações. Com os familiares ou responsáveis foi realizado questionário (ver roteiro do questionário no apêndice C), até porque, em sua maioria, eles estavam em horário de trabalho e, quando estavam na escola, era por um curto período de tempo, apenas para levar e buscar as crianças. Vale destacar que o “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 201), assim facilitando a resposta pela questão do tempo da família ou responsáveis.

Inicialmente pretendia realizar a investigação com uma turma de 2 a 3 anos, de uma escola municipal da cidade de Lajeado/RS, após o seu consentimento. Porém, em função da minha disponibilidade de turno de trabalho, consegui realizar a investigação com uma turma de 4 a 5 anos, porque a turma de 2 a 3 anos chegava no período da manhã e, no período da

tarde, quando eu poderia observá-las, as crianças estavam dormindo. Como a turma de 4 a 5 anos era apenas ofertada no turno da tarde, foi conveniente realizar o estudo com ela.

Nesta mesma turma realizei as observações e as entrevistas com 15 crianças durante a sua chegada à escola, mediante autorização dos pais (ver termo no apêndice G). Como todas as crianças trouxeram os termos autorizando a participação, consegui realizar as observações com as que chegavam de tarde. Vale ressaltar que a turma é composta por crianças de 4 a 5 anos; as de 4 anos possuem vaga no turno integral, e 4 crianças são integrais e chegam na escola no turno da manhã. Essas 4 crianças dormem em outras turmas no horário do sono. Na turma há dois irmãos, e realizei a entrevista com os dois juntos. Para a realização da entrevista com a professora, foi-lhe apresentado um termo (ver no apêndice F) e com a família e/ou responsáveis, para o preenchimento do questionário, também (ver apêndice E).

Como expliquei acima, para observar, entrevistar e questionar sobre o meu tema de pesquisa, realizei esta investigação em uma escola de Educação Infantil do município de Lajeado/RS, a qual se localiza perto de minha residência, o que facilitou o meu deslocamento. A partir da definição da escola de estudo, levei até esta escola uma carta de apresentação e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido Institucional (ver apêndice D), e solicitei autorização para realizar a pesquisa no seu espaço escolar.

A investigação aconteceu no início do corrente ano letivo para conseguir perceber estes pontos com maior clareza. Afinal de contas, as crianças estão retornando de um período prolongado de férias e necessitam se acostumar, novamente, a ficar no ambiente escolar. Considerei ser importante promover essa observação durante as três primeiras semanas do retorno das crianças para a escola, pois assim conseguiria acompanhar em sequência como essas crianças estavam se sentindo pertencentes ao espaço escolar. Todavia a observação aconteceu no mês de março em função do meu trabalho, porque em fevereiro trabalhei o dia todo, o que impossibilitou a observação nesse mês. Em um total, foram realizadas 5 observações, totalizando 7 horas junto à turma investigada.

Nesse período, foi realizada entrevista com a professora da turma investigada, que, para esta idade, normalmente tem um professor em cada turno. Como optei por realizar a investigação no turno da tarde, entrevistei uma professora. É preciso explicar que a turma de 4 a 5 anos da escola possui um professor referência e um (1) monitor, o que totaliza um professor em cada turno. Assim, a professora do turno da tarde foi entrevistada nesta pesquisa, sendo ela a professora referência da turma. Também enviei um questionário para os pais da turma, esperando receber o retorno de, no mínimo, 4 a 5 pais, para analisar o que eles pensam sobre esse período de adaptação de seus filhos à escola, e me surpreendi ao receber de volta

os 14 questionários enviados. Como mencionado anteriormente, há 15 crianças na turma, porém há dois irmãos, totalizando os 14 questionários enviados e recebidos.

Para entrevistar as crianças, apostei em rodas de conversa e também em perguntas individuais para aquelas cujos pais e/ou responsáveis autorizaram a sua participação. Assim, as crianças que não se sentissem à vontade para falar em roda de conversa poderiam ter a oportunidade de se expressar individualmente. Das 15 crianças que pude entrevistar, apenas um menino não quis falar, muito menos ir junto à sala para ver o que iríamos fazer. Esta criança acabou não participando da pesquisa, ou seja, do desenvolvimento de sua entrevista. Saliento que as perguntas destinadas às crianças foram de fácil compreensão (como é possível observar no roteiro de entrevista, no apêndice A), até porque eram crianças de 4 a 5 anos e o objetivo dessas questões era compreender como elas se sentiam pertencentes ao espaço escolar.

Como metodologia de análise dos dados gerados, optei por trabalhar com a análise de conteúdo. Assim, foi necessário buscar informações para compreender melhor o que é a análise de conteúdo e como ela pode ser definida ou classificada. Explicam Rocha e Deusdará:

Análise de Conteúdo se define como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto. Nascida de uma longa tradição de abordagem de textos, essa prática interpretativa se destaca, a partir do início do século XX, pela preocupação com recursos metodológicos que validem suas descobertas. Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos (2005, p 308).

Então, com a análise de conteúdo, também é possível percebê-la como uma “[...] possibilidade de fornecer técnicas precisas e objetivas que sejam suficientes para garantir a descoberta do *verdadeiro* significado” (ROCHA, DEUSDARÁ, 2005, p 310). Já para Caregnato e Mutti (2006), a análise de conteúdo é vista como conjunto de técnicas de análise com procedimentos, sistemas e objetivos de descrição do conteúdo permitindo a interferência dos conhecimentos.

Além da busca de seu significado, é interessante refletir sobre a maneira de construção de um trabalho com a abordagem analítica da análise de conteúdo. Caregnato e Mutti (2006) apresentam três grandes etapas para usar a técnica de análise de conteúdo. São elas: “1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação” (2006, p. 863), que é relatada como fase de organização de diversos procedimentos, “[...] tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a

interpretação” (2006, p. 863), seguindo com a codificação dos dados gerados e, por fim, selecioná-los em categorias. Portanto, parte da análise de conteúdo.

Ao analisar os dados, foi possível perceber que compor categorias seria mais viável para a promoção das reflexões nesta pesquisa. Essas categorias foram se constituindo pelas recorrências nas respostas das entrevistas, questionários e observação e deram origem às três diferentes seções do capítulo 4 deste estudo, capítulo em que analiso os achados da minha pesquisa e que pode ser conferido na sequência deste estudo.

4 SISTEMATIZANDO AS ANÁLISES

Para iniciar as análises desta pesquisa, reuni o material que havia coletado em minha pesquisa de campo: entrevistas e questionários, observações e o meu diário de campo a fim de encontrar evidências de situações que se repetiam. Partindo desta metodologia de análise, pude configurar categorias do estudo.

Três categorias foram mais recorrentes e deram origem, então, às sessões deste capítulo. A primeira delas diz respeito à afetividade; a segunda versa sobre sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar; e a terceira discorre sobre a questão da rotina X disciplina. Para ficar mais fácil registrar estes “achados” de pesquisa nos dados gerados, toda vez que eu percebia que os registros apontavam em uma dessas direções/categoria, eu adotei cores para diferenciá-las. Assim, nas respostas dos questionários da família e/ou responsáveis, entrevista da professora e entrevistas com os alunos e registros em meu diário de campo, utilizei a cor rosa para ressaltar os aspectos vinculados ao campo da afetividade; a cor verde, para o sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar; e a cor laranja para aquilo que fazia menção aos campos da rotina X disciplina.

Na primeira seção deste capítulo apresentarei a análise desenvolvida sobre o tema da Afetividade, intitulado “Afetividade na Educação Infantil”, o qual abordará as situações que aparecem nas entrevistas, questionários e observações registradas em meu diário de campo. Na sequência, a abordagem centra-se na perspectiva de compreender o sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar. Após, na terceira seção, disserto sobre a rotina X disciplina na Educação Infantil.

4.1 Afetividade na Educação Infantil

“Dentre as necessidades que precisamos suprir para a garantia da sobrevivência e da convivência humana está a de afeto” (MIRANDA, 2016, p. 62). Assim, ao observar a chegada das crianças à escola, pude perceber situações que a família e/ou responsáveis relataram nos questionários bem como o que a professora respondeu na entrevista envolvendo a afetividade. Vale ressaltar que as observações aconteceram em semanas diferentes, como também procurei sentar em uma posição em que a família e/ou responsáveis não conseguissem me ver para não interferir no real contexto de chegada dos alunos à sala de aula.

Durante a análise dos questionários, deparei-me com a afetividade em realce nas respostas. Quando questionados se os professores auxiliam no processo de adaptação da criança, três famílias responderam: *“Dão colo quando choram, conversam e brincam para distraí-los”* (Família 3¹, Questão 5); *“Com carinho e atenção e muito diálogo conseguem acalmar e fazer com que a criança entenda as situações”* (Família 14, Questão 5); *“Bastante, tentam acalmar a criança quando chora”* (Família 15, Questão 5). Pude perceber que essas famílias possuem um pensamento parecido acerca do posicionamento da professora durante esse período de adaptação, mas será que isso vale para todo o ano letivo?

O gráfico a seguir mostra a afirmação de que toda a família e/ou responsável concorda com a promoção de uma escola afetiva.

Gráfico 1 - Acredita que os professores auxiliam nesse processo de adaptação da criança?
(14 respostas)



Fonte: da autora.

¹ Para identificar as diferentes famílias e manter o sigilo destas ao mesmo tempo, optei por denominá-las como Família 1, Família 2, Família 3, e assim sucessivamente.

Esses depoimentos me permitiram estabelecer relação com a seguinte resposta da professora da turma, quando questionada na entrevista com relação a como auxilia as crianças a ficarem na escola, despedindo-se da família ou responsáveis:

“Primeiro lugar, sempre com um sorriso no rosto, fazendo já na chegada elas se sentirem bem, dando carinho, um abraço, um beijo, ah, pedindo para elas se despedirem da família, fazendo com que elas entendam que após esse período, esse turno que eles ficam aqui o pai e a mãe vem buscar eles novamente, que eles vão para casa, sempre tentando fazer com que eles se sintam bem acolhidos” (Professora, Questão 4).²

A fala da professora pode ser relacionada com a afirmação de Miranda:

[...] é a afetividade que mais notadamente se conecta ao plano cognitivo, principalmente por abrir os veios de sensibilidade por onde poderão se conduzir com fluidez os aspectos intelectuais. Ao mesmo tempo, a relação entre professores e crianças é isto: um misto de afeição e trabalho intelectual (MIRANDA, 2016, p. 63).

Considerando isso, vale ressaltar que a relação entre professora e aluno é um trabalho construído diariamente dentro do ambiente escolar. Interessante perceber que as respostas têm relação entre si, porque a família e a professora possuem um mesmo pensamento e posicionamento em função do pertencimento da criança no espaço escolar durante a adaptação de início de ano letivo.

Aqui vale ressaltar que nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirma-se:

Um ponto inicial de trabalho integrado da instituição de Educação Infantil com as famílias pode ocorrer no período de adaptação e acolhimento dos novatos. Isso se fará de modo mais produtivo se, nesse período, as professoras e professores derem oportunidade para os pais falarem sobre seus filhos e as expectativas que têm em relação ao atendimento na Educação Infantil, enquanto eles informam e conversam com os pais os objetivos propostos pelo Projeto Político- Pedagógico da instituição e os meios organizados para atingi-los (BRASIL, 2013, p. 92).

Assim, percebe-se a importância de troca de informações entre escola e família e/ou responsáveis neste período de acolhimento e também após esse período. Também convém ressaltar que, ao ingressar na escola de Educação Infantil, as famílias são sujeitas a responder a um questionário sobre a criança, a fim de facilitar essa troca de saberes sobre a criança no ingresso na escola. Esse questionário, chamado de ficha de anamnese, “[...] contém dados relativos à história de vida da criança, relatada pelos pais e/ou responsáveis no momento da primeira entrevista [...]” (SILVA, FLEITH, 2005, s/p). Ele constitui uma forma de aproximar

² Durante meu trabalho utilizei essa maneira de referenciar a fala das entrevistas realizadas.

a família e a escola, bem como também mostrar o seu funcionamento e tranquilizar a família para o período de adaptação/acolhimento da criança. Sobre este assunto também escrevi em meu diário de campo:

“Durante a observação percebi que, na chegada das crianças, a professora está com um sorriso no rosto esperando-as para receber cada criança com um beijo, pedindo como está e conversando com a família sobre ela. A família também demonstrou abertura em falar sobre a chegada da criança. É importante que essa troca realmente aconteça, conversa na chegada das crianças, abertura por ambas as partes pelo bem maior, que é a criança”.

(Excerto do meu diário de campo, 01/03/2017)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil também reforçam e reafirmam como as instituições de Educação Infantil no geral, ou seja, do Brasil todo, devem agir na acolhida das crianças no início de ano letivo. Para tanto, é necessário:

[...] planejar e efetivar o acolhimento das crianças e de suas famílias quando do ingresso na instituição, considerando a necessária adaptação das crianças e seus responsáveis às práticas e relacionamentos que têm lugar naquele espaço, e visar o conhecimento de cada criança e de sua família pela equipe da Instituição; [...] (BRASIL, 2013, p. 95-96).

Na questão realizada com as famílias e/ou responsáveis sobre acreditar se a escola faz um trabalho de acolhida com as crianças, pude notar perspectivas diferentes sobre ela. Algumas famílias relataram a maneira como a professora recebe a criança. Duas famílias falaram assim: *“Recebem na porta da sala. Faz a criança se despedir dos pais, sem chorar”* (Família 3, Questão 7) e: *“Sempre dão atenção ao receber a criança e perguntam se está tudo bem com ela”* (Família 12, questão 7). Relataram que a afetividade é importante para que a criança consiga ficar “sem chorar” e percebem que a criança está bem naquele momento. Uma resposta também afirmou a importância de *“A professora tratar a criança com carinho de mãe”* (Família 8, questão 7), o qual é entendido como um sentimento essencial para o acolhimento da criança.

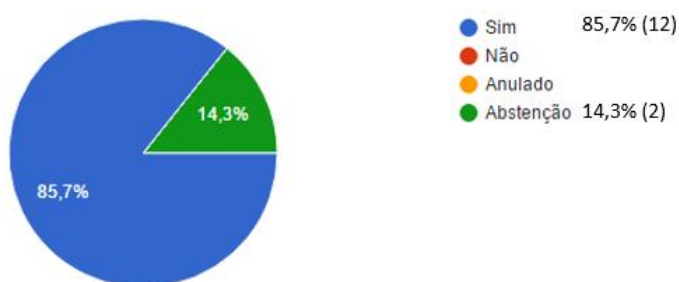
Uma família e/ou responsáveis afirmou a relevância da continuidade desse processo de adaptação e como o acolhimento faz diferença na continuidade da criança na escola. *“Fazem, pois a criança foi bem recebida quando tinha apenas 1 ano. Sempre gostou e falou bem das*

professoras. Elas têm papel muito importante na vida deles” (Família 2, Questão 7). Afirmou que as professoras no geral têm papel importante na vida das crianças, uma fala gratificante para nossa profissão.

Em contraponto, outra família afirmou: *“Depende da professora, tem umas que recebe com alegria, beijos e conversa, tem outras que são fechadas”* (Família 14, Questão 7). Cumpre observar, aqui, que cada pessoa é diferente, assim como cada família e cada criança; portanto cada professora pode agir de maneira diferenciada, cada uma com seu jeito.

É importante destacar, ao analisar o gráfico seguinte, que duas famílias se abstiveram em relação à esta questão.

Gráfico 2 - Você acredita que a escola faz um trabalho de acolhida às crianças?
(14 respostas)



Fonte: da autora.

Durante a entrevista com as crianças, inicialmente as questioneei se gostavam de ficar na escola e o porquê de gostarem ou não. As crianças, no geral, falaram que “sim”, gostavam de ficar na escola, e isso se devia a poderem “brincar”. Mas no momento em que levei os dois irmãos juntos, crianças de 4 e 5 anos, um menino disse que *“Porque o mano chora quando vai na escola. Quando a tia leva ele na escola ele chora”* (Criança 5, 4 anos, Questão 1), e o irmão logo respondeu que *“não choro”*. Percebi que esse momento de acolhida depende de como a criança está no momento de chegada à escola, da maneira como se despede da família, do que a família demonstra em sua despedida e da acolhida da professora. Consegui refletir sobre esses aspectos durante as observações e a análise dos dados gerados, entrevistas e questionários.

Na entrevista com a professora, ela relatou como acontece esse acolhimento na adaptação e como percebe as crianças nesse momento inicial:

“Eles reagem positivamente, adoram, gostam de coisas diferentes, das brincadeiras que são propostas diferentes, ah, do acolhimento, do carinho, do cuidado consigo e com os outros, com os colegas, os momentos de interação, de socialização” (Professora, Questão 2).

É possível perceber aqui que o papel da televisão é também acolher estas crianças. Como relato em algumas passagens de meu diário de campo, as crianças permaneciam por muito tempo nesta sala de televisão, durante a sua chegada a escola. Percebi, portanto, que a TV cumpria um papel de docilizar o corpo deste estudante, acalmá-lo, discipliná-lo. Postman (1999) afirma que hoje a televisão também tem papel educador na sociedade e é possível perceber isso pelo quanto as famílias e as escolas tem se valido disso. A partir dessa resposta fiquei refletindo sobre os momentos que consegui observar na turma. E, assim, registrei:

“Ao realizar a observação, pude perceber, ao ver a chegada das crianças, que eles assistem filme, diferentes filmes ou desenhos, e logo, davam tchau para a família e iam se sentar com os colegas que ali já estavam.

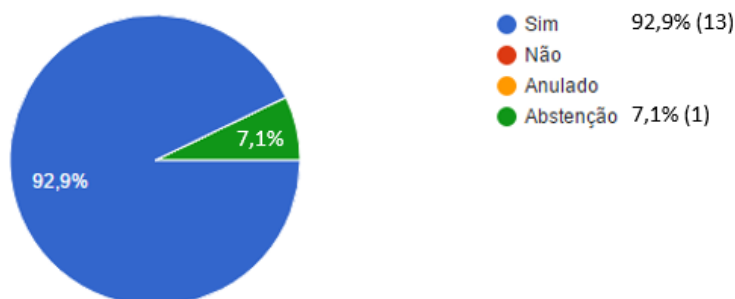
Ao entregar os questionários para as famílias ou responsáveis, observei que também apreciavam brincar com os brinquedos dispostos na sala, recriando diversas cenas do cotidiano”.

(Excerto do meu diário de campo, 08/03/2017)

Quando elaborei a questão para as famílias ou responsáveis – se eles acreditam que a criança gosta de ficar na escola – me deparei com respostas chocantes em ambos os casos, tanto para o lado positivo quanto para o negativo, de acordo com meu ponto de vista. Um, porque afirmou que *“Acho que sim. Mas se pudesse escolher entre a escola e a vó, ficaria na vó”* (Família 7, Questão 9); já a outra ressaltou que *“Ele gosta de fazer trabalhos e brincar com os colegas, ele diz que a profe mora no meu coração”* (Família 8, questão 9). Fiquei refletindo sobre o pensamento da família que prefere deixar a criança com a vó. É claro que o sentimento de afeto da vó com a criança existe, porém, será que a criança não está feliz na escola? Ou a família não acredita no papel da escola em relação à educação? E a segunda família, ao relatar que a criança fala sobre a *“professora morar em seu coração”*, a escola está deixando uma marca afetiva importante na vida dessa criança e dessa família.

O gráfico seguinte resalta a única família que se absteve em relação a essa questão e o quanto as demais famílias ou responsáveis realmente acreditam que as crianças gostam de estar no ambiente escolar.

Gráfico 3 - Acredita que a criança gosta de ficar na escola?
(14 respostas)



Fonte: da autora.

Ao perguntar para a professora o que a fez trabalhar com crianças de 4 e 5 anos, o que é positivo e quais as dificuldades, me surpreendi com sua resposta, até porque já ouvi outras professoras declararem que gostam pelo fato de as crianças terem mais autonomia. E ela relatou:

“Que eu sou já sou professora há bastante tempo e eu gosto, sempre me identifiquei muito com a faixa etária de 4 e 5 anos, desde que eu comecei a trabalhar na Educação Infantil. Ah, positivo, acho que a criança sempre tem um sorriso no rosto, eles estão de bem com a vida, eles transmitem coisas boas para gente, ah, e as dificuldades é o tu saber, é uma faixa etária que a gente tem que saber dosar o carinho com os limites, a principal dificuldade com essa faixa etária” (Professora, Questão 7).

Além de perceber o quanto as crianças demonstram ser afetivas com a professora, ela também retribui. Pude perceber esse sentimento durante as observações da acolhida da turma:

“Durante a observação, percebi a maneira e o quanto entusiasmada a professora vai até a porta receber as crianças, disposta a saber como estão e acolhê-los. Assim como as crianças vão dar um beijo na professora e dão tchau para a família para ir logo sentar com os colegas. Percebi que apenas uma criança não foi dar um beijo nem abraço na professora, já na mãe deu um monte dizendo para ela ir embora. Percebe-se, pois, que depende de cada família e cada criança a acolhida”.

(Excerto do meu diário de campo, 08/03/2017)

Com essa seção sobre a afetividade na Educação Infantil pude sanar um pouco da minha curiosidade sobre como acontece essa transição da criança de casa para a escola, bem

como sobre a maneira como a família ou responsável leva a criança para o ambiente escolar. A partir das observações, registros, entrevistas e questionários, consegui perceber esse sentimento positivo na acolhida das crianças. Porém fiquei me questionando: se é um momento afetivo a acolhida das crianças, será que elas sabem bem por que estão indo para a escola? Será que percebem o porquê de estar indo para escola e não poder ficar em casa? Ou apenas estão conformados com a ida à escola? Na próxima seção, procuro entender um pouco mais sobre o sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar, se realmente as crianças sabem o porquê de ir para a escola e como isso acontece ou até mesmo se há uma lei que as obriga a estar nesse ambiente escolar.

4.2 Sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar

Sentir-se pertencente ao espaço escolar é o tema deste trabalho de pesquisa e, durante as análises, pude repensar muitas situações/vivências e refletir sobre a maneira como realmente esse sentir acontece na escola. Será que as crianças estão se sentindo pertencentes ao espaço escolar ou estão sendo obrigadas a ficar no ambiente escolar? É esse o ponto que me fez dissertar sobre o assunto nesta seção.

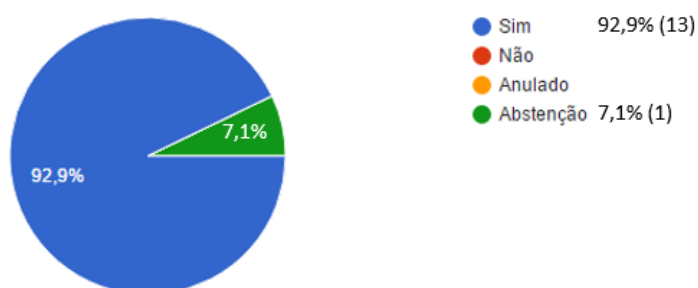
Durante as orientações e conversas com minha orientadora, professora Danise Vivian, fui relatando o que observei nas situações de acolhida, bem como analisamos os dados gerados a partir das observações, dos registros no diário de campo, das entrevistas e dos questionários. A partir disso, repensamos parte deste capítulo de análises passamos a refletir sobre o pertencimento das crianças de 4 a 5 anos na escola de Educação Infantil. Vale ressaltar a importância que a observação teve em meu trabalho. De acordo com Jablon (2009, p.52), “[...] é importante manter a mente aberta, sabendo que, quando observamos para aprender com as crianças, ninguém sabe tudo, e todos temos mais para aprender”.

Quando as famílias e/ou responsáveis foram questionados se conseguem deixar a criança tranquilamente na escola, destacaram que a conversa tem grande influência nessa despedida da criança, bem como a maneira como a escola acolhe as crianças. A família quatro relatou o seguinte: *“Porque tem tranquilidade e um ambiente muito bom, pois ela exerce atividades para sua aprendizagem”* (Família 4, Questão 1), pensando no ambiente de aprendizagem como um meio de acolhida, além da tranquilidade. Outra destacou que *“Tudo é uma questão de conversa e passar a tranquilidade para criança”* (Família 8, Questão 1). A

conversa seguiu sendo citada nas respostas: *“Porque todo dia pergunto para ela como foi, e ela diz que adorou. Pergunto se ela quer ir de novo, ela diz que sim, e que ela adora a professora e os colegas!”* (Família 10, Questão 1). Uma resposta que me intrigou bastante foi a da família 12, ao relatar que *“Às vezes a criança hesita um pouco e pede para não ir, mas depois conversamos com ela da importância de ir à escolinha e ela aceita”* (Família 12, Questão 1). Qual será o tipo de importância sobre a qual conversam com a criança? Ou simplesmente relatam que precisa ir para escola por obrigação?

No gráfico abaixo constata-se que 92,9% das famílias ou responsáveis afirmam que “SIM”, que conseguem deixar tranquilamente a criança na escola, e apenas 7,1% se abstiveram de responder à questão.

Gráfico 4 - Você consegue deixar a criança na escola tranquilamente?
(14 respostas)



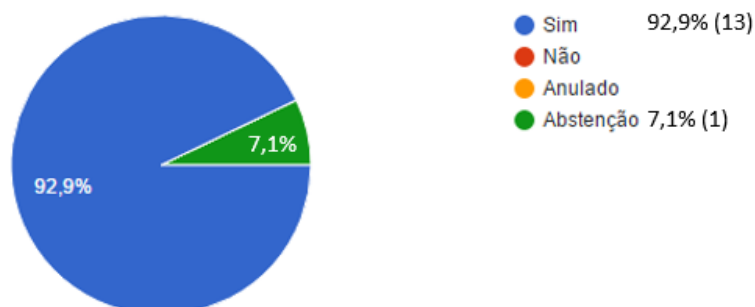
Fonte: da autora.

Ao questionar as famílias e/ou responsáveis se conseguem deixar a criança tranquilamente na escola, também apostei em questionar se ela “Consegue se despedir tranquilamente?”, até porque deixar a criança tranquila e despedir-se dela tranquilamente são coisas diferentes. A família três disse *“Sei que está em boas mãos, ele fala muito das profes em casa. Sinto que ele está feliz”* (Família 3, Questão 3). A família fala dessa maneira para se tranquilizar e deixar a criança segura na escola, logo todos ficam felizes: criança, família e escola. Assim como a família 14 afirmou: *“Claro que o coração fica apertado, mas consigo sim. Kkk”* (Família 14, Questão 3).

Nessa pergunta, 14 famílias ou responsáveis responderam que “SIM”, que conseguem se despedir da criança, e uma família ou responsável se absteve em relação a essa questão. Será que acha difícil essa despedida? Observe-se o seguinte gráfico:

Gráfico 5 - Consegue se despedir tranquilamente?

(14 respostas)



Fonte: da autora.

Relacionando e interligando as perguntas do questionário ao envolver a família ou responsável na despedida tranquila das crianças, questionei a professora na entrevista com a seguinte pergunta: “A família ou responsáveis ajudam na despedida? Ou simplesmente é papel do educador?” Ela respondeu dizendo que

“Com certeza eles auxiliam sim na despedida, ah, até porque a gente tem que levar em consideração que a criança se sente acolhida onde eles sentem que a escola e os pais estão envolvidos, um apoiando o outro, falando a mesma linguagem que a professora fala, os pais falam também nesse momento de adaptação para a criança se sentir cada vez mais segura” (Professora, Questão 5).

Importante ressaltar que a família, conforme os questionários, considera tranquila a conversa com a criança referente à acolhida, consequentemente a despedida também. Já a professora afirma que é essencial essa troca de relatos entre escola e família, para que as crianças se sintam seguras nesse momento de acolhida, bem como na adaptação de início de ano letivo. Vale salientar que nas Diretrizes Curriculares Nacionais, além de acontecer essa troca entre família e escola, “Os vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social, devem iniciar-se na Pré-Escola e sua intensificação deve ocorrer ao longo do Ensino Fundamental [...]” (BRASIL, 2013, p. 36-37). Sendo assim, a Educação Infantil é o início da etapa escolar, mas é nos vínculos familiares que a criança necessita inicialmente estar inserida.

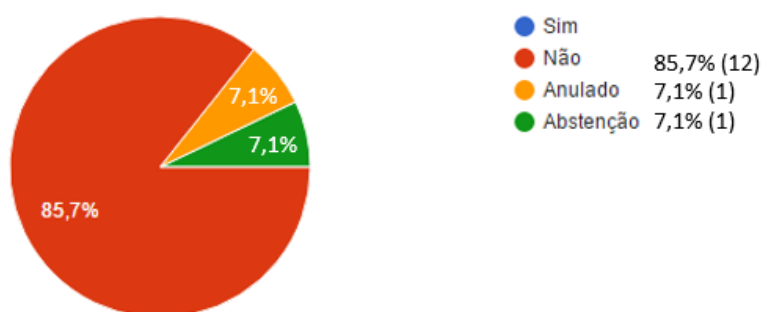
Além disso, foi questionado para eles se a criança chora nesse momento de acolhida. A família um fala sobre as primeiras semanas de acolhida e salientou: “Normalmente só nas primeiras duas ou três semanas do ano, depois é super tranquilo” (Família 1, Questão 2). A

família quatro afirmou que *“Antes sim, mas agora ela fica tranquila pois se sente muito bem, já está acostumada”* (Família 4, Questão 2), parecendo referir-se aos meses de acolhida, porém agora está acostumada com a ida à escola. Pôde-se constatar que muitas famílias relataram, mesmo que direta ou indiretamente, que as crianças estão acostumadas a frequentar a escola. Crianças de 4 a 5 anos acostumadas à escola? Ou obrigadas a estarem acostumadas?

A família oito afirma ter sido difícil esta acolhida, até porque a criança passou a frequentar a escola com 4 anos: *“No início foi difícil pois ele começou a frequentar a escolinha com 4 anos, até então ele ficava em casa com a mãe”* (Família 8, Questão 2). Vale ressaltar a opinião das famílias ou responsáveis sobre esta questão, conforme se observa no gráfico que segue:

Gráfico 6 - Ele/Ela costuma chorar neste momento?

(14 respostas)



Fonte: da autora.

Um forte motivo para as crianças passarem a frequentar a escola com 4 anos é a Lei que rege a educação no país. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, “Art. 4º- O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)”, sendo assim o ingresso obrigatório das crianças a partir dos 4 anos de idade na escola de Educação Infantil, desde o ano de 2016. Além da LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecem:

O acesso ganhou força constitucional, agora para quase todo o conjunto da Educação Básica (excetuada a fase inicial da Educação Infantil, da Creche), com a nova redação dada ao inciso I do artigo 208 da nossa Carta Magna, que assegura a *Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade*, inclusive a gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria, sendo sua implementação progressiva, até 2016, nos termos do Plano Nacional de Educação, com apoio técnico e financeiro da União (BRASIL, 2013, p. 13).

Pensando nesta lei, enfocada nos dois documentos, questionei as famílias ou responsáveis sobre o que pensam dessa obrigatoriedade em frequentar a Escola de Educação Infantil desde os 4 anos de idade e se concordam com a lei. Enquanto alguns relataram ser importante esse ingresso no ambiente escolar desde cedo, outros parecem refletir sobre ela. A família um assim se manifestou: *“Acho que a adaptação das crianças fica mais fácil quando mais novas. Mas também acho que cada criança tem seu tempo no desenvolvimento”* (Família 1, Questão 8). É importante essa reflexão sobre a adaptação, e também a observação de que cada criança possui seu tempo de desenvolvimento. Já a família sete afirmou que *“Não sei se sendo obrigatório ou não muda algo. Só sei que agora com 5 anos a criança só tem meio turno”* (Família 7, Questão 8). Constata-se, assim, que a obrigatoriedade não muda a vida dessa família, mas o que mudou é a criança poder frequentar apenas meio turno a escola de Educação Infantil, o que provavelmente mexeu bastante na organização dessa família e de milhares de famílias devido à redução do período dos filhos para permanecer na escola. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais,

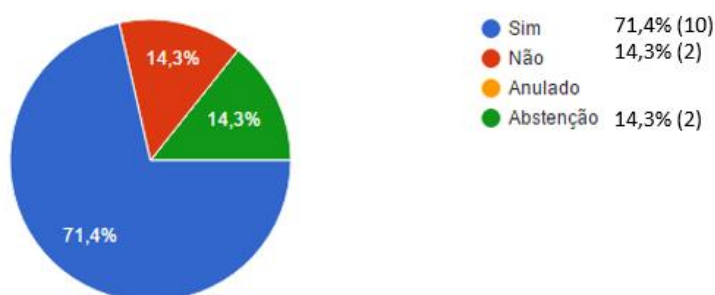
A ampliação das matrículas, a regularização do funcionamento das instituições, a diminuição no número de docentes não-habilitados na Educação Infantil e o aumento da pressão pelo atendimento colocam novas demandas para a política de Educação Infantil, pautando questões que dizem respeito às propostas pedagógicas, aos saberes e fazeres dos professores, às práticas e projetos cotidianos desenvolvidos junto às crianças, ou seja, às questões de orientação curricular. Também a tramitação no Congresso Nacional da proposta de Emenda Constitucional que, dentre outros pontos, amplia a obrigatoriedade na Educação Básica, reforça a exigência de novos marcos normativos na Educação Infantil (BRASIL, 2013, p. 82).

A família oito afirmou: *“Tenho dúvidas, pois eles ficam tanto tempo estudando até se formar e depois desistem de fazer uma faculdade”* (Família 8, Questão 8). Será que o tempo dentro da escola realmente influencia nas escolhas das crianças? Ou o que muda essas escolhas é a maneira como estão abertas para o ambiente escolar? Ou até mesmo a sua vontade de estudar? A família 15 relatou: *“Porque com 4 anos é muito cedo para ir para a escola”* (Família 15, Questão 8). Mas com que idade seria conveniente e importante para as crianças ingressarem na escola? E por que há famílias que julgam cedo as crianças

frequentarem a escola com 4 anos? E outras famílias, que colocam as crianças com 4 meses na escola? Será que essas famílias têm trabalhos e prioridades diferentes?

Vejamos o que diz o gráfico abaixo sobre esta obrigatoriedade de frequentar a escola de Educação Infantil desde os 4 anos de idade:

Gráfico 7 - Você concorda com a obrigatoriedade de a criança frequentar a Escola de Educação Infantil desde os 4 anos de idade?
(14 respostas)



Fonte: da autora.

É importante analisar o que preconizam as Diretrizes Nacionais Curriculares sobre os direitos das crianças em relação à família e à escola. Percebe-se que cada criança pode ter prioridades diferentes, mas seus direitos são alegados iguais:

Por isso, os sujeitos do processo educativo dessa etapa da Educação Básica devem ter a oportunidade de se sentirem acolhidos, amparados e respeitados pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade. Deve-se entender, portanto, que, para as crianças de 0 (zero) a 5 (cinco) anos, independentemente das diferentes condições físicas, sensoriais, mentais, linguísticas, étnico-raciais, socioeconômicas, de origem, religiosas, entre outras, no espaço escolar, as relações sociais e intersubjetivas requerem a atenção intensiva dos profissionais da educação, durante o tempo e o momento de desenvolvimento das atividades que lhes são peculiares: este é o tempo em que a curiosidade deve ser estimulada, a partir da brincadeira orientada pelos profissionais da educação (BRASIL, 2013, p. 36).

Com a pergunta “Você diz para a criança por que ela está ficando na escola?”, acredito que fiz as famílias ou responsáveis refletirem um pouco sobre o porquê de a criança estar na escola e se realmente falam isso para ela. Quando eu era criança, não havia a necessidade de minha mãe trabalhar, portanto não posso refletir sobre essa experiência, até porque, quando pude realmente ir para a escola, não me interessava saber o porquê. Eu queria ir, mesmo estando doente.

A família um afirmou: *“Ele sabe que precisa ir na escolinha para que o papai e a mamãe possam trabalhar e ele estudar para ser o que quiser quando adulto”* (Família 1, Questão 4). Portanto, analisa-se a necessidade de existência da escola de educação infantil porque a família e/ou responsáveis precisam/necessitam trabalhar, assim como afirmam Lopez e Jr. (2011) que *“No atual contexto social e econômico, as mães geralmente voltam para o trabalho antes que seus bebês completem 6 meses de idade. Por essa razão, a creche desponta como a opção mais compatível em termos de saúde, educação e segurança”* (LOPEZ; JR, 2011, p. 7). Também relata Silva e Francischini (2012) que o surgimento da creche – escola de educação infantil - no Brasil se deu para ter um espaço que cuidasse das crianças enquanto as mães trabalhavam, enfatizando o ingresso e a necessidade das mulheres no mercado de trabalho. As famílias cinco e seis assim se manifestaram: *“Para o bem delas, para fazer amizades com outras crianças e para o desenvolvimento e futuro e porque precisamos trabalhar”* (Família 5 e 6, Questão 4).

Além disso, *“Para fazer novos amigos, para brincar, aprender e porque a mamãe e o papai precisam trabalhar”* (Família 3, Questão 4), salientou a família três, que pensa na sua realidade social e na parte profissional da família. *“Digo a ela que tenho que trabalhar e ela entende e também que ela vai ficar em casa sozinha, não tenho alguém para cuidar dela enquanto trabalho”* (Família 4, Questão 4).

A família 12 afirmou: *“Para ela aprender a fazer trabalhinhos, conhecer as letras, cores e números”* (Família 12, Questão 4). Assim, é possível perceber o quanto as famílias e/ou responsáveis têm expectativas em relação às aprendizagens escolares na Educação Infantil, ou seja, aquelas aprendizagens que serão potencialmente importantes para o bom ingresso no Ensino Fundamental. Também a partir dessas respostas, refleti, tentei entender e compreender o que as famílias dizem para as crianças. As famílias ou responsáveis relatam que falam para as crianças que precisam trabalhar, por isso precisam estar na escola. Será que elas realmente sabem isso? Ou as famílias responderam o que eu, como pesquisadora, gostaria de saber?

Com essa inquietação para saber o que a família ou responsável iria responder nessa questão, também quis saber se isso realmente acontece. Para tanto, entrevistei as crianças e perguntei a cada uma: *“Tu sabe por que tem que ficar na escola?”*. A criança dois deu risada e disse *“Para a mãe trabalhar”* (Criança 2, 5 anos, Questão 6). A criança quatro falou: *“Pra estudar e fazer o nome”* (Criança 4, 5 anos, Questão 6), e a criança 13 disse: *“Pro meu pai trabalhar bem longe”* (Criança 13, 4 anos, Questão 6). Algumas crianças me olhavam e demoraram para responder, mas percebi que metade delas falaram que vêm para a escola para

brincar e estudar, sem esquecer de dizer que os pais precisam trabalhar, porém a outra metade disse que não sabe por que precisam frequentar a escola. Essa questão reforça meu questionamento de que as crianças às vezes não sabem por que estão na escola, mas a família ou responsável afirmou em sua resposta que falam isso para as crianças. O que confirma essa situação é o gráfico que criei a partir das respostas destes familiares e/ou responsáveis: 100% dizem que “SIM”, as crianças sabem por que estão na escola.

Gráfico 8 - Você diz para a criança por que ela está ficando na escola?
(14 respostas)



Fonte: da autora.

Pensando no sentir-se pertencente ao espaço escolar, ou seja, a sua obrigatoriedade, conforme a legislação para as crianças a partir de 4 anos, percebi que existe a sua obrigação em sentir-se pertencente na escola. Além de serem obrigadas pela lei, também há o fato de a família ou responsável necessitar do trabalho para manter os recursos financeiros da família, para bens essenciais ou para simples sobrevivência. O aspecto profissional torna-se uma obrigação da família em manter o bem-estar da criança, que acaba sendo, mesmo que involuntariamente, obrigada a estar na escola por dois motivos: emprego da família e legislação. Sendo este o meu achado de pesquisa da seção dois: a criança sente-se pertencente a escola por ser obrigada a frequentar este espaço e pela necessidade de sua família e/ou responsáveis trabalharem.

As análises não terminam por aqui. Fiquei curiosa para compreender mais sobre a rotina das crianças, bem como a disciplina, que influencia na rotina delas dentro do ambiente escolar. Será que a rotina tem realmente envolvimento com a disciplina? Ou é a disciplina que tem ligação direta com a rotina?

4.3 Rotina X disciplina

É possível perceber que a rotina na Educação Infantil vem com uma grande influência da disciplina e vice-versa. Por isso, pretendo refletir sobre ambas, tanto a rotina quanto a disciplina, juntas ou separadas. Inúmeras vezes é possível perceber que a rotina é um espaço de tempo dentro da escola que não deixa de ser controlada pela disciplina e a rigidez com que sua execução deve acontecer. Logo, há importância em se pensar e refletir sobre a rotina X disciplina.

Quando questionei as crianças durante a entrevista se gostam de ficar na escola e o porquê, a criança oito disse: *“Porque dá pra aprender as coisas certas e as coisas erradas”* (Criança 8, 4 anos, Questão 1). Percebe-se, pois, que desde cedo são estimuladas a distinguir o que é certo do que é errado, bem como a maneira como são disciplinadas a saber isso. De acordo com Santaiana,

Na instituição escolar, não se disciplinam somente corpos, mas saberes. Ao ensinarmos sobre hábitos de higiene, valores, paz no trânsito, cidadania etc., estamos, de certa forma, conduzindo a constituição desse sujeito infantil. Nesse sentido, é possível entender por que Foucault ensina que o poder é produtivo: ele produz coisas, produz saberes, e, portanto, produz também sujeitos (SANTAIANA, 2009, p. 60).

Observa-se que não é só o corpo que é disciplinado, mas sim os saberes, como relata a autora. Além disso, é a partir desses saberes disciplinados que o sujeito infantil reproduz o que aprendeu, assim como a criança 8 que me respondeu sobre saber o certo e o errado. Durante as observações, pude ainda observar que os corpos também são disciplinados pela própria rotina, como na acolhida, ou momento inicial da aula na Educação Infantil, que vinculava-se ao assistir à televisão com filmes e desenhos animados.

Ao entrevistar as crianças, perguntei se gostam de vir para a escola e por quê. A criança seis disse: *“Olhamos tv aqui. Vamos pro lanche, vamos pro lanche de novo e brincamos no gramado, brincamos na pracinha e no pátio. A gente mora num apartamento, quando a gente volta a gente toma mama e brincamos com nossos legos de brinquedo, de pecinha que é bem pequeninha”* (Criança 6, 5 anos, Questão 4). Ainda, quando questionados sobre o que fazem na escola desde que chegam, a criança um disse: *“Guarda a muchi, senta, [criança ficou pensando], olha desenho, [criança ficou pensando], vamos para o lanche, vamos para a sala, para a janta e para a sala. Quando a mãe chega no projeto eu estou deitado”* (Criança 1, 5 anos, Questão 3). E a criança três afirmou: *“Sento e olho tv, depois*

sentou e a outra prof vem” (Criança 3, 5 anos, Questão 3). Percebe-se, então, como seu saber está disciplinado, como também a rotina na escola influencia no corpo do sujeito. Além da rotina que também disciplina, são criadas normas para que ambos sejam disciplinados: os corpos e a produção desses saberes. Assim,

Sobre as normas disciplinares, [...] foi possível constatar que se processa, no início da escolarização, uma tentativa de elaboração de normas de convivência em cada sala de aula. [...]. As normas disciplinares são muito mais utilizadas com a finalidade de tentar resolver problemas de comportamentos do que de promover práticas de vivências democráticas – a ênfase é dada aos resultados e não ao processo. Acaba por se privilegiar, em sala de aula, a busca do silêncio, da imobilidade, da ordem, que é o que tradicionalmente a escola sempre fez (XAVIER, 2006, p. 35).

Como relata Xavier (2006), o disciplinamento tem grande influência a partir das normas disciplinares que são criadas. Assim, a turma normalmente cria em conjunto no início do ano letivo suas normas disciplinares, ou denominadas regras de convivência, que vêm com o intuito de disciplinar os corpos no período escolar, seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental. Também vale ressaltar que “Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 2013, p. 133). Portanto, diversos processos disciplinares não foram inventados, mas estão historicamente ligados aos nossos corpos, mesmo que inconscientemente. Assim, é possível perceber que “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2013, p. 133), sendo, de alguma maneira, mais fácil de domesticar os corpos por serem dóceis. Santaiana afirma:

O poder disciplinar permite o controle do corpo “que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde”, sendo todas estas habilidades amplamente trabalhadas na escola moderna e, ainda hoje, esperadas dessa instituição como parte de suas funções na constituição dos sujeitos-alunos (SANTAIANA, 2009, p. 59).

Entende-se, pois, que o pensamento de um e outro autor, Xavier e Santaiana, são parecidos. Ambos também se inspiraram em Foucault para dissertar suas escritas e pensar e refletir sobre essa temática. Santaiana fala de Foucault quando ressalta que “[...] é importante discutir que o poder disciplinar se materializa nos corpos, atravessa-os e é mobilizado por relações de poder. Segundo Michel Foucault, o poder, por possuir um caráter produtor, exerce-se, e isso acontece sempre em relação a algo ou alguém” (SANTAIANA, 2009, p. 60). Além de constatar que a televisão disciplina o corpo infantil, também há a hora para comer, a

maneira de se relacionar com os colegas, a postura para sentar no refeitório e demais situações que as crianças são disciplinadas a vivenciar no ambiente escolar.

Durante as entrevistas com as crianças, pude notar muitas questões sobre a rotina e a disciplina. Quando questionei sobre “Estar na escola é diferente de estar em casa?”, a criança quatro disse: na escola, *“Brincar nas mesinhas”*. Em casa, *“Eu olho tv e aí eu brinco”* (Criança 4, 5 anos, Questão 5). A criança oito, inicialmente, ficou pensando: *“Eu brinco com meus brinquedos lá. Atividade e tudo, trabalhinho”* (Criança 8, 4 anos, Questão 5). Portanto, evidencia-se que

A escola, de certa forma, ainda se mantém como a instituição que não só educa por meio de saberes, mas disciplina através de suas rotinas, horários, comportamentos etc.; defende determinados valores, atitudes e padrões culturais, tudo o que compõe e dispõe um currículo escolar (SANTAIANA, 2009, p. 61-62).

A rotina, então, também disciplina, mesmo que involuntária ou indiretamente. Assim, é importante repensar como a rotina realmente está influenciando o cotidiano dos alunos, como os professores estão planejando para que a rotina não seja maçante, mas se desenrole de maneira prazerosa. Relato em meu diário de campo:

“Durante a observação, percebi que muitas vezes os alunos estavam tão acostumados com a rotina que se tornou automático. Quando chegam, na acolhida, assistem televisão, seguidamente: lanche, higiene, pátio, higiene, janta e ir para casa”.

(Excerto do meu diário de campo, 08/03/2017)

É possível perceber, a partir de meu diário de campo, que a escola de alguma maneira é influenciada pela rotina, até porque não podem se atrasar tanto para o lanche quanto para a janta e, muito menos, para a despedida das crianças. Assim, a professora necessita se organizar no tempo para que tudo aconteça corretamente, sem atrasar as funcionárias da cozinha ou a família ou responsáveis quando vêm buscar as crianças. Como relata Foucault,

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas.

1) A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve um grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mais insidiosos e eficientes.

Colégios: o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato aparece como o regime de educação, se não o mais frequente, pelo menos o mais perfeito; torna-se obrigatório em Louis-Le-Grand quando, depois da partida dos jesuítas, fez-se um colégio-modelo (FOUCAULT, 2013, p. 137).

Convém refletir: será que ainda vivemos em “encarceramentos”? Ou isso ficou no passado? De acordo com Foucault, os colégios eram parecidos com o convento, bem como eram parecidos com os colégios dos jesuítas. Além de refletir sobre o encarceramento de Foucault, o qual podemos estar ainda vivendo ou não, Aquino assegura:

O fato é que há hoje, nas escolas, uma geração de crianças e jovens advindas de contextos múltiplos de estruturação sociocultural e econômica, e não apenas familiar. Mais correto seria admitir que os modelos familiares – sempre no plural – encontram-se em estado de expansão, e não de “destruturação”, como se costuma alardear (AQUINO, 2003, p. 45).

Antigamente os sujeitos infantis eram diferentes dos atuais, ou seja, eles são diferentes entre si até porque viveram em épocas diferenciadas. Logo, cada indivíduo ou cada família, bem como sua cultura, são diversificados. O passado e o presente são diferentes e, para compreender o passado, li muitos referenciais. Para compreender o presente, questionei a professora, perguntando: “O que você acha que faz a criança gostar de ficar na escola?”

“Primeiramente ela se sentir acolhida, ela saber que está vindo para a escola e vai ser bem acolhida, que aqui estão esperando por ela, que a professora está a sua disposição, que ela tem os colegas para brincar, que ela tem os espaços da escola, ela se sentir amada, bem acolhida” (Professora, Questão 6).

Cumpramos ressaltar a importância da rotina, destacando primeiramente sua função na acolhida, pois é a partir dela que a criança chega à escola e se despede da família ou responsáveis, conseguindo permanecer tranquila. E assim, sucessivamente no decorrer do tempo em que ela permanece na escola, a rotina acontece. Foucault relata que “As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento” (FOUCAULT, 2013, p. 167). Logo, é importante observar como é o comportamento do sujeito infantil a fim de identificar como é o seu disciplinamento e como a rotina influencia seu contexto. Nota-se que

a disciplina pode ter a relação de poder, mas o professor pode estar cansado com a indisciplina dos alunos. Aquino afirma:

Sabe-se, mesmo assim, que os atos tidos como indisciplinados deixaram de ser encarados como eventos esporádicos e particulares do cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez, uma das razões nucleares do alegado desgaste ocupacional dos profissionais da educação (AQUINO, 2003, p. 8).

Sendo assim, por causa da disciplina em exagero, muitas vezes a indisciplina acontece. Os alunos estão cansados de tanta disciplina, de tanto modelar os corpos, por isso refazem suas atitudes e são indisciplinados. Em consequência, aluno e professor estão cansados e desgastados na escola.

Xavier (2006) explica que a disciplina pode ser sinônimo de obediência e submissão, resultando em uma autodisciplina: “Portanto, não é apenas decorrência de uma regulação exterior, mas sim de uma escolha consciente” (XAVIER, 2006, p. 28). Desse modo, a disciplina é escolha consciente, seja de quem é disciplinado e de quem é disciplinador. Será que somos disciplinados? Ou somos disciplinadores de nossos alunos?

É interessante ressaltar a visão de Santaiana (2006):

Quando falamos sobre o poder disciplinar, não desejamos dizer que limites e disciplina não sejam necessários. Pelo contrário, certamente precisamos deles para viver em sociedade, tanto na infância, quanto e principalmente na fase adulta. Atualmente estão muito presentes nas escolas narrativas sobre os sujeitos infantis sem limites, hiperativos, agitados. Esses sujeitos escapam à norma de um aluno disciplinado, dentro da lógica de uma média escolar (SANTAIANA, 2009, p. 65-66).

Os limites são citados na fala da professora entrevistada, já citada no capítulo da afetividade, em que pergunto: “O que fez você trabalhar com crianças de 4 e 5 anos? O que é positivo e quais as dificuldades?” E, nas dificuldades, ela relatou:

“[...] ah e as dificuldades é o tu saber, é uma faixa etária que a gente tem que saber dosar o carinho com os limites, a principal dificuldade com essa faixa etária” (Professora, Questão 7).

Assim, é essencial que possamos diferenciar os limites do disciplinamento do corpo, bem como não deixar a rotina ficar totalmente rotineira, ou seja, fazer sempre as mesmas ações no ambiente escolar sem pensar sobre o porquê as estamos fazendo e não criar a partir dela, deixar que as mesmas situações de aprendizagem aconteçam. Vale refletir: será que realmente a rotina X disciplina é o que move os dias de uma escola de Educação Infantil? Ou somos nós, professores, alunos, família ou responsáveis que as movimentamos?

Pude analisar, refletir e repensar diversas situações que me inquietaram durante meu trabalho. Agora apresento o quinto e último capítulo: as minhas considerações finais. Será que são realmente considerações finais? Ou serão o início de um fim que não vai terminar?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quem nunca saiu em busca de um grande sonho
Quem nunca pensou em desistir a certo ponto
Quanto vale a sua fé?
Você tem que acreditar e ser quem você é.
(MUNHOZ; MARIANO, Nunca desista)*

Inspirada na música de Munhoz e Mariano intitulada “Nunca desista”, pude refletir e sentir tudo o que vivi durante este ano do meu Trabalho de Conclusão de Curso. E é com muito orgulho e satisfação que apresento as considerações finais. Ou posso dizer que é o início de um fim que pode não ter terminado? Afirmo que, por momento, sanei muitas das minhas - inquietações sobre o tema – sentir-se pertencente ao espaço escolar –, e o meu problema: “O que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil?”.

Durante o percurso do meu trabalho, quis responder e também sanar minhas dúvidas ao elaborar três objetivos específicos: “Compreender o que leva a criança sentir-se pertencente ao espaço da sala de aula”, “Entender como o processo de escolarização da Educação Infantil interfere no cotidiano da criança e do professor” e “Identificar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil”. Para tanto, precisei ler referenciais, conversar muito com a minha orientadora, Danise Vivian, observar o andamento de uma turma de alunos com 4 e 5 anos, entrevistar a professora e realizar questionário com a família ou responsáveis. Além disso, relatar em meu diário de campo minhas percepções e

observações. Portanto, com tanto material, consegui diversas informações em diferentes ângulos.

Considerando o objetivo específico de “Compreender o que leva a criança a sentir-se pertencente ao espaço da sala de aula”, foi necessário pensar em uma maneira de conseguir realizar isso. Assim, pensou-se primeiramente na observação, para então conseguir responder a esse objetivo específico. Embasando-me em Jablon (2009, p. 35), “Às vezes, a melhor coisa que se pode fazer para ajudar na aprendizagem da criança é se afastar e deixar a criança experimentar algo”, foi essa a solução para conseguir observar ao máximo a realidade da chegada das crianças na escola. Para tanto, procurei sentar na sala ou na biblioteca em cantos, para que a família ou responsáveis e as crianças não conseguissem me ver a fim de não interferir no contexto da realidade da acolhida.

Com este objetivo específico pude perceber em meus achados analíticos que a criança vai sentir-se pertencente ao espaço escolar, principalmente por dois motivos, pela afetividade que a professora transmite aos alunos e pela explicação da família e/ou responsáveis do motivo de elas estarem naquele local – a necessidade de trabalhar.

A partir disso, quando fui refletindo sobre os objetivos, constatei que um objetivo tem relação com o outro. Com isso, o objetivo específico “Entender como o processo de escolarização da Educação Infantil interfere no cotidiano da criança e do professor”, precisei novamente recorrer às observações, além de refletir sobre as entrevistas com as crianças e a professora, com os questionários enviados para a família ou responsáveis e as minhas percepções anotadas no meu diário de campo.

Este objetivo me fez perceber que o processo de escolarização na Educação Infantil possui um viés histórico muito forte, bem como, influencia a escola na atualidade. Logo, a rotina e o disciplinamento são os pontos analíticos encontrados que mais influenciam e interferem no cotidiano da criança e do professor no ambiente escolar. A disciplina realizada através da rotina escolar acaba docilizando o corpo infantil e naturalizando a prática de estar desde cedo na escola.

O último objetivo específico deste estudo era “Identificar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar na Educação Infantil”, objetivo este que retomava todos os anteriores e que necessitou de todas as minhas formas de geração de dados deste estudo: observação, entrevistas, questionários e diário de campo. Foi possível refletir sobre como a criança consegue separar o ambiente familiar do escolar, percebendo que a escola possui uma rotina bem definida, segundo os próprios relatos das crianças durante as entrevistas. Elas relataram sequências da rotina, como assistir à televisão na acolhida, ir ao lanche, brincar em

algum pátio, fazer trabalhos, fazer a higiene, ir à janta e depois esperar a família para ir para casa.

Também foi possível observar que “[...] a rotina é definida como categoria pedagógica que permite a estruturação do trabalho cotidiano das instituições de educação infantil [...]” (ANDRADE, 2010, p. 160), evidenciando, assim, ser totalmente inviável planejar e fazer o que quiser no ambiente escolar da Educação Infantil. Isso responde a alguns pontos relevantes dos meus objetivos específicos em relação ao sentir-se pertencente, que muitas vezes é uma obrigação da criança estar na escola e a maneira em que a afetividade influencia esse processo, como relatei no capítulo das análises.

Após uma análise de todos estes objetivos, percebi que o objetivo geral da pesquisa, sendo mais amplo, foi contemplado. Sendo assim, ao analisar os dados gerados, pude comprovar como as crianças, na faixa etária de 4 e 5 anos, se sentem pertencentes, ou obrigadas a permanecerem na escola.

As constatações que tive em cada um dos eixos analíticos deste estudo, quais sejam, afetividade, sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar e pelo disciplinamento e rotina contribuíram para compor uma resposta, mesmo que provisória, devido aos conhecimentos do mundo estarem em constante transformação sobre a temática geral desta pesquisa: sentimento de pertencimento da criança ao ambiente escolar. Constatei que este sentimento de pertencimento ocorreu: pela afetividade, pois a criança vai sentir-se pertencente à escola, por estar sendo bem recebida e despedir-se tranquilamente da família e/ou responsável; pelo sentir-se pertencente X obrigar-se a pertencer ao espaço escolar, na medida em que muitas crianças são obrigadas a pertencer a este espaço porque as famílias necessitam trabalhar e é a maneira que encontram de deixar a criança em algum espaço seguro; e, pelo teor do disciplinamento e da rotina, que influenciam no cotidiano da criança. Portanto, a disciplina que organiza seu corpo no espaço escolar e a rotina que modela a maneira que seu corpo vai estar no tempo escolar.

Com todos os dados gerados, constatei que a família ou responsável e a professora da turma estão tentando estar em comum acordo diante da criança, falando as mesmas coisas, deixando-a mais segura para ficar na escola, facilitando, assim, o seu pertencimento ao ambiente escolar. Além do mais, a família demonstra compreender que a escola possui um papel importante na vida do sujeito infantil, até porque a legislação prevê que isso aconteça a partir dos 4 anos de idade.

As crianças entrevistadas demonstraram segurança ao falar por não sentirem vergonha, alegando que gostam de vir para a escola, e relataram atividades que elas fazem neste

ambiente escolar. Também falaram sobre situações de aprendizagem e relações de poder que o ambiente escolar e familiar lhes impõe, mesmo que involuntariamente.

A professora entrevistada demonstrou e tentou falar tudo o que realizam para que a criança possa se sentir pertencente ao espaço escolar e como a família ou responsável também tem papel importante neste processo, não sendo papel apenas da escola.

Posso afirmar que estou satisfeita com tudo o que consegui realizar durante este um ano do meu trabalho de conclusão de curso, que realmente está sendo e foi muito importante para meu trabalho na área da Educação Infantil. Isso porque vivencio situações diárias de planejar situações de aprendizagem para que as crianças possam sentir-se pertencentes ao espaço escolar na Educação Infantil. Concluo, tendo consciência que este estudo não finaliza com estas considerações e que pretendo, em estudos futuros, seguir analisando e explorando esta temática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, LBP. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

AQUINO, Julio Groppa. **Indisciplina**: O contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

ARIÈS, Philippe; FLAKSMAN, Dora. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15547-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf-1&Itemid=30192> Acesso em: 28 set. 2016. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 set. 2016.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa**: Análise de Discurso *Versus* Análise de Conteúdo. Florianópolis: 2006.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 2. Ed. – Lajeado: Editora da Univates, 2012.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**: planejamento, elaboração e apresentação. 3. Ed. – Lajeado: Editora da Univates, 2015.

FERNANDES, Susana Beatriz. **“EU NÃO TE CONFESSO, MAS UM DIA VOCÊ VAI SABER O QUE É UMA ESCOLA”**: escolarização, infância e experiência. Porto Alegre: 2009.

FERRÃO, Fernando. **TEMPO DE QUÊ?: AS PERCEPÇÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O TEMPO ESCOLAR NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3077373>. Acesso em: 22 out. 2016. Rio Grande do Sul: Santa Maria, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHTELMILLER, Margo L. **O poder da observação**: do nascimento aos 8 anos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; REIDEL, Tatiana. **Diário de campo**: O que é? Para que serve? Como elaborar? Porto Alegre: PUCRS, 2009.

LOPEZ, Fabio Ancona. JR., Dioclécio Campos. **Filhos**: de 2 a 10 anos de idade: dos pediatras da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais. Barueri, SP: Manole, 2011.

MIRANDA, Simão de. Oficina de ludicidade na escola. Campinas, SP: Papirus, 2016.

MUNHOZ; MARIANO. **Nunca desista**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/munhoz-e-mariano/nunca-desista.html>> Acesso em: 22 maio 2017.

POSTMAN, Neil; CARVALHO, Suzana Menescal de A.; MELO, José Laurenio de. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROCHA, Décio. DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e Análise de Discurso**: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Rio de Janeiro: Alea, 2005.

SANTAIANA, Rochele da Silva. Infância e escolarização: elementos para pensar nas práticas pedagógicas. **In: O lúdico na prática pedagógica**. Curitiba: Ibpx, 2009.

SILVA, Suze Sabino da. FLEITH, Denise de Souza. **Desempenho escolar e autocentimento de alunos atendidos em serviços psicopedagógicos**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200006> Acesso em> 29 abril 2017. Campinas: 2005.

SILVA, Carmen Virgínia Moraes da. FRANCISCHINI, Rosângela. **O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil**. Disponível

em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/746/718>> Acesso em: 11 junho 2017. Rio Grande do Norte: 2012, P. 257-276.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais – A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In _____: **Linguagens, espaços e tempos de ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

XAVIER, Maria Luisa. **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro de Entrevista com os alunos

ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

Nome: _____

Idade: _____

Turma/Turno: _____

- 1 Gosta de ficar na escola? Por quê?
- 2 O que é legal na escola? E o que não é legal?
- 2 Conta pra professora tudo o que faz na escola desde o horário que tu chega?
- 3 Gosta de vir para escola? Por quê?
- 4 Estar na escola é diferente de estar em casa?
- 5 Tu sabe por que tem que ficar na escola?

Realizei registros das observações da turma em um diário de campo como forma de auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Como também gravei as entrevistas realizadas com as crianças.

APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista com os professores

ENTREVISTA COM PROFESSORES

Nome: _____

Cargo: _____

Tempo de escola: _____

Formação: _____

- 1) Você faz alguma acolhida no início do ano? Porquê?
- 2) Como as crianças reagem com as situações de acolhida propostas?
- 3) O que você planeja para as crianças durante a adaptação no início do ano?
- 4) Como você auxilia as crianças a ficarem na escola despedindo-se da família ou responsáveis?
- 5) A família ou responsáveis ajuda na despedida? Ou simplesmente é papel do educador?
- 6) O que você acha que faz a criança gostar de ficar na escola?
- 7) O que fez você trabalhar com crianças de 4 e 5 anos? O que é positivo e o qual as dificuldades?

APÊNDICE C: Roteiro de Questionário com a família ou responsáveis

QUESTIONÁRIO COM A FAMÍLIA OU RESPONSÁVEIS

Você está sendo convidado (a) a responder um questionário para o trabalho de pesquisa de conclusão de curso em Pedagogia, de Paola Gatelli, aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Univates, que se desenvolve sob a orientação da professora Dra. Danise Vivian. O material coletado será de uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizado com a finalidade de fornecer elementos para a realização do respectivo trabalho de conclusão. O trabalho de pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto ao (s) /a (s) participante (s) e não será objeto de nenhum benefício, ressarcimento ou pagamento a este (s). Será preservada a identidade dos participantes.

Qualquer dúvida, favor contatar pelo e-mail: lola.gatelli@hotmail.com

A sua colaboração é muito importante para o desenvolvimento da minha pesquisa. Além de preencher os campos de preferência, por favor, solicita-se a justificativa dos mesmos, pois elas contribuirão com o meu estudo. Novamente, reafirmo que as identidades dos participantes serão mantidas em sigilo.

Desde já, agradeço a atenção.

Nome do aluno: _____

Idade do aluno: _____

Turma/Turno: _____

A criança já frequentou a creche anteriormente? () SIM () NÃO

Por quanto tempo: _____

QUESTIONÁRIO COM A FAMÍLIA OU RESPONSÁVEIS

1 Você consegue deixar a criança na escola tranquilamente?

() SIM () NÃO

Justifique: _____

2 Ele/Ela costuma chorar neste momento?

() SIM () NÃO

Justifique:_____

3 Consegue se despedir tranquilamente?

() SIM () NÃO

Justifique:_____

4 Você diz para a criança o porquê ela está ficando na escola?

() SIM () NÃO

Justifique:_____

5 Acha que os professores auxiliam nesse processo de adaptação da criança?

() SIM () NÃO

Cite

exemplos:

6 A criança demonstra, durante o caminho até a escola, que não quer ficar por lá?

() SIM () NÃO

Justifique: _____

7 Você acredita que a escola faz um trabalho de acolhida as crianças?

() SIM () NÃO

Justifique com exemplos: _____

8 Você concorda com a obrigatoriedade da criança frequentar a Escola de Educação Infantil desde os 4 anos de idade?

() SIM () NÃO

Justifique: _____

9 Acredita que a criança gosta de ficar na escola?

() SIM () NÃO

Justifique com exemplos: _____

10 Desde que a criança começou a ir na escola você notou alguma mudança no seu comportamento?

() SIM () NÃO

Cite exemplos: _____

APÊNDICE D:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO INSTITUCIONAL

Eu,....., cuja atividade/função exercida/cargo é, no Município de/RS, aceito, pelo presente Termo, participar de entrevista para o trabalho “Educação Infantil: O que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar?” da acadêmica/estudante do Curso de graduação em Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES, de Lajeado/RS, Paola Gatelli, orientada pela professora Dra. Danise Vivian.

Pelo presente Termo fico ciente que:

1. A atividade/o trabalho tem por objetivo analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar da Educação Infantil.
2. A coleta de informações será feita mediante entrevista semiestruturada, a entrevista será anotada pela acadêmica;
3. Posso pedir esclarecimentos sobre quaisquer aspectos da atividade antes e durante o seu desenvolvimento;
4. Posso abandonar a entrevista antes e durante o seu curso, sem quaisquer prejuízos para mim;
5. É-me garantido o sigilo quanto à origem das informações, não podendo ser revelada a minha identidade;
6. As informações coletadas serão interpretadas e gerarão uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Paola Gatelli, cujo resultado será apresentado no mês de julho/2017, garantindo-se o sigilo da fonte das informações;
7. Caso a atividade/trabalho, após sua apresentação/defesa em aula/evento, seja enviada para a Biblioteca da UNIVATES, este Termo não a acompanhará, devendo ser enviado para o Arquivo Central de documentos da Instituição. Ficará como Anexo da atividade uma cópia em branco deste Termo;
8. Frente a qualquer dúvida, a professora orientadora: Dra. Danise Vivian pelo e-mail dvivian@univates.br e a acadêmica: Paola Gatelli à disposição pelo telefone (51) 9221-2778, ou pelo e-mail lola.gatelli@hotmail.com

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de aula e outra do entrevistado.

..... dede 2017.

Acadêmica/estudante

Entrevistado

CPF.....

CPF.....

APÊNDICE E:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE INFORMADO AOS PARTICIPANTES: FAMÍLIA OU RESPONSÁVEIS

Eu, _____, aceito participar de um questionário a ser desenvolvida pela aluna Paola Gatelli, através do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS. Orientada pela professora Dra. Danise Vivian. Esse trabalho tem como objetivo analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar da Educação Infantil.

As informações obtidas nesta pesquisa terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal.

A sua participação contribuirá para minha formação. Com suas respostas estarei ampliando minha visão de construção para meu Trabalho de Conclusão. Favor justificar as questões com o seu ponto de vista, pois é importante para essa pesquisa. Agradeço a contribuição.

...../RS,de.....de 2017.

Nome do entrevistado: _____

Assinatura: _____

CPF _____

Acadêmica: Paola Gatelli

CPF _____

APÊNDICE F:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE INFORMADO AOS PARTICIPANTES: PROFESSORES

Eu, _____, aceito participar de uma entrevista a ser desenvolvida pela aluna Paola Gatelli, através do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS. Orientada pela professora Dra. Danise Vivian. Esse trabalho tem como objetivo analisar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar da Educação Infantil.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações e gravações de voz, a fim de contribuir no campo educacional. As informações obtidas nesta pesquisa terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal, e identidades, assegurando o sigilo das informações adquiridas.

Assim, este Termo será expedido em duas vias, sendo uma via da acadêmica para inserção na atividade/trabalho de aula e outra do entrevistado.

...../RS,de.....de 2017.

Nome do entrevistado: _____

CPF _____

Acadêmica: Paola Gatelli

CPF _____

APÊNDICE G:

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Senhores Responsáveis,

Estou realizando o meu trabalho de conclusão de curso do Centro Universitário Univates, na EMEI _____ com o objetivo de investigar o que faz a criança sentir-se pertencente ao espaço escolar da Educação Infantil. Além de observações, entrevistas com os professores e questionário com a família e/ou responsáveis, precisarei entrevistar também os alunos desta escola para verificar como estes narram a permanência na escola. Por isso, peço a autorização do (a) senhor (a) para entrevistar o (a) aluno (a) durante o período de aula.

A entrevista será gravada em áudio. Os dados coletados serão de uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizados com finalidade de fornecer elementos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Será assegurada a confidencialidade dos alunos participantes desta entrevista.

Desde já agradeço,

Paola Gatelli – acadêmica no Centro Universitário Univates

Eu, _____, portador (a) do CPF/RG _____, declaro ser responsável pelo (a) aluno (a) _____ e o (a) autorizo a participar da entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso de Paola Gatelli.

Assinatura

_____, _____ de _____ de 2017.